

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

EICOS

SUBJETIVIDADE EM UM MUNDO GLOBALIZADO:
ENTRE AS FORÇAS DE CAPTURA E AS DE RESISTÊNCIA.

Ricardo Mendonça Rodrigues

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

Rio de Janeiro
Setembro de 2005

FOLHA DE APROVAÇÃO

SUBJETIVIDADE EM UM MUNDO GLOBALIZADO:
ENTRE AS FORÇAS DE CAPTURA E AS DE RESISTÊNCIA.

Ricardo Mendonça Rodrigues

Orientadora: Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, do Instituto de Psicologia da UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada por:

Presidente, Prof.

Prof.

Prof.

Rio de Janeiro
Setembro de 2005

Rodrigues, Ricardo Mendonça.

Subjetividade em um mundo globalizado: Entre as forças de captura e as de resistência/ Ricardo Mendonça Rodrigues. – Rio de Janeiro: UFRJ/ EICOS, 2005.

vii, 63f.; 31cm.

Orientadora: Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

Dissertação (mestrado) - UFRJ/ EICOS/ Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2005.

Referências Bibliográficas: f. 60-63.

1. Mercado e Consumo: Vida e Subjetividade em um mundo globalizado. 2. Resistência na atualidade: Alguns elementos para uma configuração subjetiva singular. I. Pedro, Rosa Maria Leite Ribeiro. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro / Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS III. Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

RESUMO

RODRIGUES, Ricardo Mendonça. **Subjetividade em um mundo globalizado: entre as forças de captura e as de resistência.** Orientadora: Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro. Rio de Janeiro: UFRJ/IP/EICOS, 2005. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social).

Partimos, no presente trabalho, da consideração de que a tecnologia cada vez mais faz parte do nosso cotidiano, ajudando a produzir um incremento nos processos de circulação das informações, que se dão em intervalos de tempo cada vez menores. Esta aceleração nos afeta de forma constante, de modo que valores são “impressos” em nossa subjetividade em quantidades cada vez maiores, impondo um estado de constante atualização. Portanto, um dos sintomas da atualidade está intimamente ligado a esta dinâmica de aceleração e mudança constantes.

Neste sentido, vemos que o mercado é um dos principais vetores da liquidez do modelo atual de mundo, funcionando de modo a capturar a vida e a subjetividade, sobretudo através do consumo. A hipótese aqui apresentada é que a vida é convidada a funcionar dentro de um modelo de constante atualização, de modo a estar mais maleável e controlável, de acordo com as demandas do mercado. A partir deste diagnóstico, é formulada a possibilidade de que o potencial criativo da vida e da subjetividade tenha a capacidade de romper com os valores hegemônicos impostos pelo mercado, configurando-se como resistência. Para isso, buscamos explorar alguns elementos que nos possibilitem compor uma outra configuração de subjetividade, tais como *avaliação – variação de velocidade –, afecção e dobras, rizoma e multiplicidade, heterogênese.*

Palavras-chave: subjetividade, globalização, consumo, resistência.

Abstract

RODRIGUES, Ricardo Mendonça. **Subjetividade em um mundo globalizado: entre as forças de captura e as de resistência.** Orientadora: Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro. Rio de Janeiro: UFRJ/IP/EICOS, 2005. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social).

The present work begins by considering that technology is increasingly a part of our everyday life, incrementing all processes of information and its circulation, which are being held in smaller time intervals. This acceleration affects us constantly, in a way that values are being “printed” in our subjectivity in greater quantities, imposing a state of constant actualization. Therefore, one of the symptoms that we find nowadays is intimately related to this constant dynamic of acceleration and change.

Therefore, we consider the market as one of the main vectors of liquification of our actual world model, functioning in ways that lead to the capture of life and subjectivity, by the means of consumption. The hypothesis presented here is that life is in a way invited to function in a model of constant actualization, in which by being more flexible, you are more easily controlled, by means of the market demands. Starting from this diagnostic, we formulate the possibility that the creative potential of life and subjectivity has the capacity of rupturing the hegemonic values imposed by the market, configuring itself as resistance. To reach that, we seek to explore a few elements that made possible another subjective configuration, such as *evaluation – velocity variation - , affection and folding, rhizome and multiplicity, heterogenesis.*

Key-words: subjectivity, globalization, consumption, resistance

Agradecimentos

Gostaria muitíssimo de agradecer à Capes pela bolsa de estudos, que possibilitou uma maior tranquilidade para desenvolver este trabalho.

À minha orientadora, Rosa Pedro, que lapidou o meu texto, transformando uma pedra bruta em uma pedra preciosa.

Agradeço à família e amigos, pelo apoio e carinho que demonstraram nesta caminhada, dispondo muitas vezes de seu tempo e, principalmente, pelo interesse em me ouvir à cerca do tema e de seu desenvolvimento.

Aos livros que li e às influências dos diversos autores, que ajudaram a maturar um caminho na academia, que apenas está começando...

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 1
Capítulo I - Mercado e Consumo: Vida e Subjetividade em um mundo globalizado	13
1) Mercado e consumo em um mundo globalizado	18
2) Valor da vida no mercado globalizado	22
3) Consumo e Subjetividade	31
Capítulo II - Resistência na atualidade: Alguns elementos para uma configuração subjetiva singular	36
1) Para resistir... é necessário avaliar	38
2) Afecção e Dobras	42
3) Rizoma e multiplicidade	47
4) Heterogênese	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
Referências Bibliográficas	60
Bibliografia Complementar	63

Introdução

Se pudermos analisar as mudanças ocorridas na sociedade e nos indivíduos, apoiadas na velocidade com que as informações circulam hoje, poderemos perceber um modelo social caracterizado pela complexidade e pela descontinuidade.

De uma forma contínua de perceber o tempo passamos, através da alta tecnologia, à descontinuidade. O acaso e fatores imprevisíveis sempre existiram e fizeram parte da nossa existência. Eram entendidos como desvios a partir de um modelo que servia de base ordenadora. Com os avanços tecnológicos em atualização contínua, não há mais como negar que esses fatores geradores de multiplicidade façam parte do nosso cotidiano. Isso implica em considerar que o complexo e o indeterminado, e não mais os valores pré-determinados por um modelo de ordem, é o que nos constitui.

Consideramos, assim, que a configuração mundial atual foi produzida em grande parte pelos avanços tecnológicos. A economia de mercado em seu processo de ampliação do local para o global foi facilitada pelas tecnologias de ponta e seus constantes upgrades. O avanço tecnológico mudou nossa relação com o espaço em termos de macro e micro cosmos. Hoje podemos viajar do ciberespaço às vísceras do humano, mediados pelas novas tecnologias.

“Ao tempo que passa da cronologia e da história sucede portanto um tempo que se expõe instantaneamente. Na tela de um terminal, a duração transforma-se em ‘suporte-superfície’ de inscrição, literalmente ou ainda cinematicamente: o tempo constitui superfície. Graças ao material imperceptível do tubo catódico, as dimensões do espaço tornam-se inseparáveis de sua velocidade de transmissão... Com os meios de comunicação instantânea (satélite, TV, cabos de fibra ótica, telemática...) a chegada suplanta a partida: tudo ‘chega’ sem que seja preciso partir.” (VIRILIO, 1993, pp. 10-11)

Perguntamos, então: que efeitos este contexto ajuda a compor na formação de subjetividades na atualidade?

A instantaneidade a que se refere Virilio parece alterar nossa relação com o tempo. Deleuze, em seus escritos sobre a Sociedade de Controle, afirma que somos atualmente cada vez mais divisíveis (DELEUZE, 1992). Sendo assim, teorias que apostam em uma individualidade fechada em si mesma parecem uma negação da lógica complexa da atualidade. Esta lógica, por ser composta por uma multiplicidade de fatores em constante interação, configura o que pode ser chamado de um sistema aberto. Uma multiplicidade de fatores atuam entre si e sobre si mesmos, formando redes, que se caracterizam pelos seus aspectos de horizontalidade e a-centralidade, que rompem com o modelo linear causal, que possui uma estrutura hierarquizada vertical.

“A estes sistemas centrados, os autores opõem sistemas a-centrados, redes de autômatos finitos, nos quais a comunicação se faz de um vizinho a um vizinho qualquer, onde as hastes ou canais não preexistem, nos quais os indivíduos são todos intercambiáveis, se definem somente por um estado a tal momento, de tal maneira que as operações locais se coordenam e o resultado final global se sincroniza independente de uma instância central.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.27)

Em função desta complexidade dos dias atuais, onde tanto os processos de comunicação como os sócio-econômico-políticos se dão em um nível para além da localidade, como consequência do processo de globalização, acabamos tendo parâmetros diferentes daqueles até a modernidade.

Hoje as fronteiras são reconfiguradas incessantemente, através da produção de conflitos. Aliás, como afirmam Negri & Hardt (2001), o capitalismo nos moldes imperiais se alimenta destes conflitos. Esta dinâmica faz parte dos seus mecanismos de captura. Os mapas¹ e suas reconfigurações híbridas nos revelam um movimento de constante transformação.

¹ Até a modernidade, ao mapear-se um território, seja geográfico ou um campo do saber, havia uma clara noção de suas fronteiras, ou seja do que há dentro e assim, por oposição, ter noção do não dentro ou fora. Mas hoje temos a clareza da complexidade do contexto mundial e não podemos reduzir a discussão a um modelo dialético, na medida em que não parece dar conta das múltiplas possibilidades de acontecimentos

Quanto à configuração mundial atual, esta multiplicidade e complexidade se estenderam de tal forma a constituir um novo modelo, o de um mercado globalizado. Este mercado e suas malhas podem ser melhor compreendidos se retomarmos o contraste que Negri & Hardt (*Idem*) propõem entre as políticas imperialistas e o Império. Enquanto o imperialismo depende da ampliação de seus territórios, ou seja, mercados internos buscando novos mercados externos, no caso do Império não há essa necessidade de abarcar o que se encontra fora dele. Não há um fora do Império pela simples razão de não haver um fora do mercado.

O novo modelo que enfrentamos hoje pode ser, assim, caracterizado por sua complexidade e multiplicidade. Em outras palavras, é uma outra forma de endossar uma visão híbrida de mundo.

“Com o declínio das fronteiras nacionais, o mercado mundial é libertado do tipo de divisões binárias que os Estados-nação impuseram, e neste novo espaço livre diferenças inumeráveis aparecem.” (NEGRI & HARDT, *op. cit.*, p.169)

Até a modernidade, tínhamos mapas bem delimitados, com fronteiras bem definidas, sejam estas geográficas ou mesmo no campo das ciências. Mas nos moldes complexos atuais, a indiferenciação dessas fronteiras passa a ser também o comum. Uma realidade complexa, híbrida, imanente, que caracteriza um cenário marcado pela incerteza, como também pela descontinuidade (BAUMAN, 1999).

Estamos diante de um novo *mapa mundi*, onde a homogeneização não é mais o termo principal. A ambivalência atual é da ordem da polarização, da geração de conflitos dentro de uma ordem de mercado globalizado, onde as “exclusões” são da ordem do fora do lado de dentro. Por isso, polarizações e não uma exclusão propriamente dita. Veremos estes assuntos, com mais detalhe, adiante. Visamos aqui

que temos hoje. (BAUMAN, 1999)

apenas contextualizar a diferença do mundo atual, em contraste com a modernidade.

Encontramo-nos na atualidade, em uma encruzilhada, em um labirinto, deslocando-nos para um cenário onde o interno e o externo não são mais tão bem demarcados, gerando insegurança e ansiedade. Um mundo cada vez mais indiferenciado em seus mapeamentos macroeconômicos e identitários.

“As pessoas permanecem multifuncionais e as palavras, polissêmicas. Ou melhor, as pessoas tornam-se multifuncionais por causa da fragmentação dos significados. A opacidade surge na outra ponta da batalha pela transparência.”
(BAUMAN, *op. cit.*, p. 21)

É possível, então, perceber uma sensação de desamparo, de mal-estar, que advém, pelo menos em parte, da impossibilidade de se poder prever e planejar, com clareza, o próximo passo. O quadro que temos na atualidade é formado por tantas variáveis a serem consideradas, sendo estas constantemente reconfiguradas, que se torna impossível qualquer possibilidade de previsibilidade.

Bauman, com seu conceito de “modernidade líquida”, assim como Marx com sua célebre frase: “Tudo que é sólido se desmancha no ar”, nos mostram que, ao se liquefazerem “os sólidos” anteriormente estabelecidos, os “ajustes” para o novo modelo vigente passaram a ser predominantemente definidos por fatores econômicos, pois nada busca mais liquidez que o modelo capitalista que vem se desenvolvendo e globalizando o mundo (BAUMAN, 2001).

Na “modernidade sólida”, havia uma nítida esperança de um amanhã melhor, da possibilidade de realização de uma utopia moderna – a ser encontrada na “luz depois do escuro túnel”, simbolizando toda uma possibilidade de melhoria calcada no progresso, ou seja, de uma situação faltosa para a de uma plenitude por vir. Na “modernidade líquida”, como Bauman define a atualidade, passamos para um constante

processo de formação de si (BAUMAN, *Ibid.*).

Temos a clareza que, no contexto atual, nunca se consegue atingir uma meta final. Até porque esta é tida como uma impossibilidade, uma ilusão moderna, que gira em torno da questão do planejamento de metas, que apontam na direção de um futuro onde suas variáveis seriam mais administráveis, mais fáceis de se prever. Através de uma “pavimentação” de um caminho seguro. Não que hoje não haja planejamento, porém o nível de complexidade da vida no cenário globalizado é bem maior, sobretudo pelo número de variáveis que nos oferece a cada segundo. Por isto mesmo, qualquer plano futuro é convidado a ser reconfigurado constantemente devido às mudanças intermitentes da atualidade.

Tal necessidade de (re)atualização, repetimos, parece estar relacionada à quantidade imensa de informações disponíveis, em grande parte nas redes tecnológicas. Atualmente, nos processos de escolha que acabamos efetuando diariamente e várias vezes ao dia, possuímos cada vez mais possibilidades. Muitos objetos para canalizarmos o nosso desejo, embora, paradoxalmente, pouco tempo para dar conta deles.

Como dar conta de tanta informação ao mesmo tempo? Como ficam nossos referenciais se há mudanças cada vez mais rápidas, em escalas de tempo cada vez menores? Temos a impressão de um futuro cada vez cada vez mais instável, sendo a única certeza é a incerteza.

Hoje, além de podermos estar em um outro país em apenas algumas horas, podemos estar “lá” também de forma virtual. Seguindo este viés, o notável avanço nas telecomunicações propiciou um “encurtamento” nas distâncias entre as pessoas. A velocidade com que somos capazes de nos comunicar hoje é diretamente proporcional

ao efeito de diminuição das distâncias propiciado pela tecnologia. Estamos sendo capazes de obter este tipo de resultado através de um constante *upgrade* tecnológico ao qual somos expostos diariamente.

Um anseio por eficácia e rapidez, presente nas empresas, indústrias e instituições financeiras, entre outros, não nos levaria a um super-excitação do humano? Estamos condenados a sermos empurrados para a ação? Estamos sendo convidados a produzir e consumir de forma desenfreada?

E a relação destas mudanças intermitentes com a própria constituição do humano? Levando-se em conta o fato de o ritmo biológico ser muito mais lento que o tecnológico, e que, no contexto da atualidade, nos é demandada rapidez de ação, temos inevitavelmente um estreitamento da nossa relação com a tecnologia.

“De acordo com um estudo publicado na revista *Scientific American*, a evolução tecnológica seria dez milhões de vezes mais veloz do que a evolução biológica. Nesse ritmo, uma pergunta é inevitável: como pretender que o velho corpo humano - tão primitivo em sua organicidade - não se torne ‘obsoleto’?” (SIBILIA, 2002, p. 15)

Se cada vez mais rapidez é demandada do humano no cotidiano, não estaríamos nós também em um ciclo de eterno *upgrade*? Não só um constante *upgrade* das máquinas, mas também da eterna necessidade de atualização do humano. Isto tudo é para estarmos acelerados, de acordo com as demandas do mercado.

“Intimidados pelas pressões de um meio ambiente amalgamado com o artifício, os corpos contemporâneos não conseguem fugir das tiranias (e das delícias) do *upgrade*... é necessário recorrer à atualização tecnológica permanente: impõem-se, assim, os rituais do auto-*upgrade* cotidiano.” (*Ibid.*, p. 13)

Somos forçados a nos preparar como mão de obra especializada ou condenados a ficar obsoletos, colocados na reserva. Este segundo lugar o mercado destina aos menos afortunados, que não têm a possibilidade de se reciclarem. Qual é o

mínimo esperado de nós neste contexto? Correr, correr... sem parar.

"Toda manhã, na África, uma gazela desperta. Sabe que deverá correr mais depressa do que o leão ou será morta. Toda manhã, na África, um leão desperta. Sabe que deverá correr mais depressa do que a gazela ou morrerá de fome. Quando o sol surge, não importa se você é um leão ou uma gazela: é melhor que comece a correr." (DE MASI, 2000, p.31)

Este contexto, marcado, como já dissemos, pelo incremento tecnológico, nos confronta diariamente com um volume cada vez maior de informações, que nos chegam de modo quase instantâneo. É importante que isto seja ressaltado, pois o nível de excitação a que o ser humano é assujeitado é galopante. Por isso a necessidade de perguntarmos que efeitos isto produz em nós?

Se pensarmos no humano quanto às suas limitações biológicas, poderíamos afirmar que estamos caminhando para um *overload* do sistema nervoso? Para um estado de alerta crônico?

Não dá para lidarmos com todo o volume de informações que nos é disponibilizado no mundo de hoje. As tecnologias que permitem uma transmissão instantânea das informações são as mesmas que nos impõem e nos convidam a funcionar num imperativo do imediatismo. Por isso, para lidarmos com tanta informação, tantos *inputs* que nos assolam atualmente, somente fazendo uma **seleção** do que nos é oferecido.

Como nos afirma Hyrum Smith², comparando os “bombardeios” de informação da vida globalizada e suas tecnologias integradoras com fechas em uma batalha, temos de erigir escudos para darmos conta deste excesso. É como se o controle, ou melhor, a eleição de prioridades em nossas metas cotidianas fosse um mecanismo

² SMITH, H. (2005) **Junk mail é como flechas na batalha**, Disponível em: <http://oglobo.globo.com/jornal/suplementos/informaticaetc/167684555.asp>. Acesso em: 23 Abr. 2005, 18:30.

necessário para que possamos nos manter no rumo previsto, sem que o turbilhão de ofertas do capitalismo em rede nos disperse.

Devido a esta diferenciada configuração de mundo, a discussão dos valores da vida perante os valores de mercado é algo pertinente e bastante contemporâneo e necessário. Até que ponto os excessos do mercado e suas demandas de *upgrades* incessantes, de estarmos constantemente aptos, acaba sendo uma armadilha? Ao invés de servir como instrumento de produção de valor, para trazer o que há de melhor no humano³, pode vir a servir como uma forma contemporânea de mecanismo de captura, ou seja, uma forma de docilização de corpos e subjetividades adequando-os ao mercado e suas demandas.

Para discutirmos com propriedade a relação entre a configuração atual globalizada e a formação de subjetividade, que possa se desdobrar dos valores de captura que o mercado capitalista reproduz, configurando uma resistência, temos de adotar um modelo de subjetivação que se apóie na diferenciação. Desta forma poderemos ter uma possibilidade de liberdade, através da criação de uma forma singular de ser. Segundo Deleuze e Guattari (DELEUZE & GUATTARI, 2002), o pensamento alcança movimento, não estando sujeito à dominação pelas forças que visam produzir uma territorialização, através da adoção de diagonais.

Deleuze toma emprestado o conceito de dobra de Leibniz, associando o pensamento com o movimento de expressão do valor criativo da vida, na capacidade de gerar diferença. Aqui, fazendo uso da terminologia de Foucault, haveria uma não submissão da vida às relações de saber-poder.

³ No sentido de potência criativa que, por sê-la, ao se produzir, se desdobra do valor padrão, criando um diferencial. (DELEUZE, 1995)

O conceito de dobra é capital para a compreensão de uma subjetividade que se forma “como não relação que é uma relação” (DELEUZE & GUATTARI, 1995). Este conceito dá conta deste paradoxo à medida que propõe um perpétuo reencadeamento, ou seja, um movimento de sínteses disjuntivas. Assim, rompemos com o modelo arborescente e nos “alinhamos” ao modelo rizomático⁴.

A subjetivação é uma dobra do fora que constitui uma produção de si, através de correlações funcionais horizontais, os agenciamentos de forças com relação ao vivido. O sujeito se constitui como uma rede de funções, um complexo de forças em interação. Pensamento como dissemelhança, onde o potencial virtual se atualiza de forma criativa. Deleuze vê a diferença como potencial de vir a ser, devir. Possibilidade virtual ainda a ser atualizada (DELEUZE, 1995).

Isto nos leva ao conceito de Guattari e Rolnik de formação de subjetividade, localizando-a no patamar da produção (GUATTARI & ROLNIK, 1986). Uma abordagem crítica e bastante atual, ao abandonar a oposição macro x micropolítica. Uma subjetividade que deixa o terreno da representação e da interioridade, para chegar aos domínios dos conjuntos sociais e seus agenciamentos:

“O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização.” (*Ibid.*, p.33)

Esta forma afirmativa de produção de valores descrita por Guattari e Rolnik, está em total ressonância com o conceito de dobra deleuziano. Contrasta com o processo de formação de indivíduos, pois este processo é um resultado da produção capitalista de

⁴ Deleuze & Guattari diferenciam o modelo linear/causal do não linear. Este último, um composto de forças, cujas resultantes diferenciais produzidas nos encontros, não têm à priori a possibilidade de determinação de sua origem ou destino. DELEUZE & GUATTARI (1995)

subjetividades:

“Os indivíduos são o resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado e modelado... a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social.” (*Ibid.*, p.31)

A subjetividade se produz na multiplicidade dos agenciamentos sociais. Por isso, a subjetividade em suas inúmeras dobras se cria no fluxo, em constante formação. Portanto, não constitui um sistema fechado em si, ou seja, um sistema fechado em torno da individualidade. O modelo de subjetividade com o qual propomos trabalhar é aquele em que a sua produção é feita a partir da exterioridade (ver e falar) e do lado de fora (pensar), onde uma interioridade seria uma dobra destes.

“Se ver e falar são formas da exterioridade, pensar se dirige a um lado de fora que não tem forma. Pensar é chegar ao não-estratificado. Ver é pensar, falar é pensar, mas o pensar opera no interstício, na disjunção entre ver e falar. (...) Pensar não depende de uma bela interioridade a reunir o visível e o enunciável, mas se dá sob a intrusão de um lado de fora que aprofunda o intervalo, e força, desmembra o interior.” (DELEUZE, 1995, pp. 93-94)

Ao usarmos a dobra como conceito formador da subjetividade, adotamos um modelo mais apto a dar conta de discutir as relações de forças na atualidade. Os choques entre as forças de captura, que visam produzir subjetividades dobradas pelo valor de mercado e do consumo e, por outro lado, as forças de resistência, que se desdobram deste, buscando produzir encontros singulares.

Resumindo os pontos apresentados acima, partimos, no presente trabalho, da consideração de que a tecnologia cada vez mais faz parte do nosso cotidiano, ajudando a produzir um incremento nos processos de circulação das informações. A aceleração das trocas comunicacionais é um fator preponderante na nova configuração mundial, um incremento na possibilidade de interagir no mundo atual. Celular, Internet, fax, cabos de fibra ótica, tudo isto nos permite uma maior troca de informações em um intervalo menor de tempo.

A configuração que emerge a partir daí revela um mundo globalizado, com alto potencial de integrar, mas que simultaneamente, para que este potencial se efetive, impõe um ritmo de constante atualização. *Upgrades* tecnológicos são incessantemente requeridos, mas este movimento acaba abarcando também o humano. A aceleração com que as informações circulam no mundo globalizado nos afeta de forma incessante, “imprimindo” valores em nossa subjetividade em quantidades cada vez maiores.

Assim, buscamos explorar em que medida, na atualidade globalizada, a vida se torna um valor de mercado, capturada pelo consumo. A hipótese aqui apresentada é que a vida, dentro da temática do biopoder (FOUCAULT, 1976) é convidada a funcionar dentro de um modelo de constante atualização, de modo a estar mais maleável e controlável, de acordo com as demandas do mercado.

Nestes termos, discutiremos as condições em que a vida, pela sua perspectiva de potência criativa, passa a ser capturada pela indústria do consumo, pois esta nos parece ser uma forma eficaz de captura, adaptada ao modelo do capitalismo globalizado. Dentro do modelo da sociedade de consumo, o novo não mais representa uma ruptura com os valores estabelecidos, a criação de diferença, mas sim uma repetição do ciclo consumista.

Para dar conta desta questão, optamos por conferir ao presente projeto a seguinte estrutura. Primeiramente, articulamos a aceleração tecnológica na atualidade, os *upgrades* do humano e as mudanças de referenciais constantes, que levam a um mal-estar e insegurança, configurando o quadro de incerteza que vivemos hoje. A partir desta configuração, no Capítulo I discutimos o mercado e o consumo como vetores importantes na produção de subjetividade na Atualidade globalizada.

No Capítulo II, buscamos pensar possibilidade de resistência a essa formatação do mercado, explorando alguns elementos para compor uma outra configuração de subjetividade, tais como *avaliação – variação de velocidade –*, *afecção e dobras*, *rizoma e multiplicidade*, *heterogênese*. Buscamos, por esta via, meios para discutirmos formas de subjetivação que visem a produção de diferença. Uma forma de ser no mundo que possa romper com os valores hegemônicos, em busca de criatividade.

Capítulo I

Mercado e Consumo:

Vida e Subjetividade em um mundo globalizado

A complexidade das relações sócio-econômico-políticas e a incerteza são características marcantes do final do Século XX e início do Século XXI. O projeto social mundial, com base em ideais iluministas - que objetivaram tornar o mundo mais racional, administrável, confiável e constante – parece, hoje, esgotado.

Faltam parâmetros mais constantes e confiáveis, o que contribui para que os vínculos locais de cooperação percam força diante das práticas individualistas. Isto é hoje favorecido pelo modelo neo-liberal. Passa a preponderar um desejo de experienciar uma melhor qualidade de vida, de obter o máximo que o sistema pode oferecer, em detrimento de um modelo de identidade coletiva, onde os objetivos de uma comunidade estão em primeiro lugar.

A meta de bem-estar social, produzida com o progresso e valores universais gregários, é um exemplo do que era almejado pelo projeto iluminista. No entanto, a tríade: igualdade, fraternidade e liberdade não conseguiu se sobrepôr ao modelo fragmentário do liberalismo econômico.

Para compreendermos melhor a crise da atualidade, em termos de falta de valores mais estáveis e confiáveis, temos de olhar para a Modernidade e sua ambivalência. A geração de conflitos está no cerne da questão moderna, entre o que está estabelecido como norma e o que surge como ruptura disto. A mudança dos padrões e dos valores, por um lado, permitem que a Modernidade venha a ser definida como um ideal de ruptura. Mas por outro, só podemos conceber um ideal, na medida em que

permanece como modelo em relação ao qual pretendemos romper. Por isso necessita estabelecer novos valores para substituir aqueles com que acaba de romper. À medida que os modelos vanguardistas iam sendo implantados, iam também sendo aceitos como norma, em relação às quais se impunha, por sua vez, um novo movimento de ruptura.

Temos, assim, um estado de constante transgressão. A busca de uma identidade, só pode existir como projeto não realizado, pois há constante mudança dos valores aceitos como tradicionais, que passam a serem novamente transgredidos. Logo, há um declínio da ilusão de um telos alcançável, de um estado de perfeição amanhã.

“Assim, na primeira parte do Manifesto, Marx equaciona as polaridades que irão moldar e animar a cultura do modernismo do século seguinte: o tema dos desejos e impulsos insaciáveis, da revolução permanente, do desenvolvimento infinito, da perpetua criação e renovação em todas as esferas da vida...” (BERMAN, 1987, p.100)

Obviamente estas questões não esgotam a problemática ampla da Modernidade, o que ultrapassa o âmbito do presente trabalho. O recurso à Modernidade visa apenas servir como ponto de partida para a discussão sobre a produção subjetividade em sua relação com o consumo na atualidade.

Sendo assim, frente à fragmentação atual dos pontos de referência do indivíduo, não seria o consumo compulsivo uma busca de identidade? Uma compensação pela falta de uma identidade mais fixa, que dure mais tempo? Já que tudo muda tão rápido, favorecendo uma sensação de obsolescência identitária, buscar possuir um objeto através do ato da compra pode ser uma forma desesperada de reter algo mais palpável. Já que a noção de eu do homem contemporâneo corre o risco de se fragmentar, ou pelo menos de se super-excitar, frente a tantas possibilidades de ser, diante desta dinâmica, passamos a não mais poder nos valer de valores mais constantes, como as tradições. Devido a isto, corremos o risco de aderir ao consumo como um

artifício compensatório frente à liquidez e porosidade da atualidade.

Um dos aspectos que detectamos diante de tantas possibilidades de escolha que nos são oferecidas hoje, frente à incerteza que se apresenta no quadro mundial atual, é a reivindicação de um mínimo de segurança. Acreditamos que o consumo em sua forma desenfreada, compulsiva, favorecido pelo marketing e mídia de massa é uma forma de se tentar buscar segurança diante de tanta falta de referência diante dos valores cambiáveis. Uma forma de se tentar garantir segurança, estabilidade. Nesse sentido, postulamos o consumo como um dos vetores de produção de subjetividade na atualidade, engendrando um modo de ser que não se desdobra do que é oferecido pelo mercado. Vemos isto como uma forma de compensar este quadro de incertezas e mal-estar na atualidade.

Nossa hipótese é que, nesse movimento de produção de subjetividade, o mercado busca submeter, dobrar, a expressão criativa da vida ao valor de mercado, convertendo-a, ela própria, em um valor de mercado.

Através deste composto de forças, começamos a questionar os valores hegemônicos atuais, suas formas de replicação via consumo e também enfatizamos que a não avaliação, parte do mecanismo de espetacularização da vida pelos veículos midiáticos, é um dos mecanismos de captura em que nos encontramos e que Lipovetsky chama de hipermodernidade⁵. Postulamos que uma não avaliação dos valores aplicados nas relações sociais, através da submissão passiva à sedução capitalista atual, e seus mecanismos sofisticados de captura, é uma forma de abrir frente para o consumo compulsivo. Finalmente, ainda neste capítulo formulamos uma crítica ao modelo

⁵ Hipermodernidade: Uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer. (LIPOVETSKY, 2004, p. 26)

identitário, visto por nós como um produto do capitalismo atual, ainda não se apresentando como uma saída para a expressão de um valor que se desdobra do mercado, rompendo com os valores deste, como expressão singular da vida.

O fluxo propiciado pelas novas tecnologias e pelo capitalismo conexcionista de rede, mídia e marketing, cria condições que apontam para a ausência de um modelo que possa funcionar como valor gregário coletivo, com base em objetivos comuns. Este seria o papel da tradição e cultura nacionais. Os incessantes “bombardeios” de informação podem gerar um efeito análogo à sensação da perda de um norte, de algo que sirva como um ponto de referência.

Pode-se dizer que há uma “crise do comum”, na atualidade, pela falência do projeto moderno de base iluminista diante do modelo liberal e, posteriormente, do neo-liberal que o suplantou. O “valor comum”, argumentamos, é o que costuma servir de referência ao sujeito, como as tradições e cultura. Hoje, entretanto, em função de uma estrutura mercadológica em rede, passamos a ter várias culturas se comunicando, afetando e modificando umas às outras mutuamente.

Neste modelo de capitalismo de rede, abre-se uma manipulação deste “comum”, sobretudo pela conjugação de forças das tecnologias de ponta, com a mídia de massa e o marketing. Com isto, o espaço público é progressivamente invadido pelo privado. O espaço comum que era o local da política, ou seja, da discussão da produção e reprodução de valores, ao ser progressivamente privatizado, perde seu status enquanto espaço de referência, passando a ser espaço de clichês e de outras formas de captura de ordem capitalista. O público passa a ser espaço da replicação e comercialização de valores, submetendo-os a um movimento totalitário do mercado. Esta é uma forma contemporânea de biopoder, uma tentativa de gerir a vida de forma sutil e indireta,

através do mercado e do consumo. Podemos afirmar, então, que há um investimento na vida como capital, na sua capacidade de criação, no seu potencial imaterial (PELBART, 2003). Portanto, os valores que regem a vida encontram-se submetidos a este fluxo do capitalismo hipermoderno.

Sendo assim, podemos afirmar que a volatilidade dos valores na atualidade, em função das mudanças sócio-econômicas intermitentes, cujo incremento tecnológico faz parte, geram tanta incerteza e insegurança, compondo o que pode ser chamado de mal-estar na atualidade. A partir destas características, apostamos que o consumo passa a se valer destas lacunas de referência, constituindo-se como parte dos mecanismos de captura, que exigem um alto grau de flexibilização dos indivíduos na atualidade.

“Na realidade, são antes de tudo o consumo de massa e os valores que ele veicula (cultura hedonista e psicologista) os responsáveis pela passagem da modernidade para à pós-modernidade, mutação que se pode datar da segunda metade do século XX.” (LIPOVETSKY, *op. cit.*, p.23)

A tese de Lipovetsky é que, com a ruptura com os referenciais da tradição, se instaura um movimento em que a cultura do efêmero, da moda, ganha força. Ele atribui a passagem da modernidade à pós-modernidade:

“... ao aumento da produção industrial (Taylorização), à difusão de produtos possibilitada pelo progresso dos transportes e da comunicação e, posteriormente, ao aparecimento dos métodos comerciais que caracterizam o capitalismo moderno (marketing, grandes lojas, marcas, publicidade). A lógica da moda começa então a permear de modo íntimo e permanente o mundo da produção e do consumo de massa e a impor-se perceptivelmente, mesmo que só a partir dos anos 60 vá contaminar de fato o conjunto da sociedade.” (*Ibid.*, p.23-24)

Tais forças, dispostas desta forma, nos levam a crer que possam ser perfeitamente representadas pela flexibilização e volatilidade dos valores, que compõem um modelo de controle, mais sutil e global.

1) Mercado e consumo em um mundo globalizado

O desenvolvimento tecnológico teve um papel preponderante na composição de uma nova ordem: de mercado e consumo. Propiciou um incremento na velocidade da circulação dos corpos, como das informações. O advento da rede mundial de computadores possibilitou uma modalidade de circulação que não está mais restrita ao deslocamento espacial dos corpos. Podemos virtualmente estar em qualquer parte do globo, observando uma localidade sem estarmos fisicamente presentes. Um fato ocorrido do outro lado do globo é sabido em menos de 24 horas. Este efeito de supressão das distâncias nos dá uma sensação de habitarmos um mundo pequeno, cada vez menor. Assim, as fronteiras vão se liquefazendo. Cada vez mais o público e o privado vão se confundindo. Tanto em função do avanço tecnológico como pela mudança do modelo econômico-político, que foi se deslocando do local para o global.

A homogeneização cultural em torno de um território nacional conseguiu manter certas diferenças dentro de espaços bem demarcados, tanto de produção como de circulação de bens, estes sendo tanto materiais como simbólicos. Desta forma, os produtos nacionais eram bem mais acessíveis que os internacionais, o que demarcava de maneira clara, o que era próprio e o alheio, via oposição.

Mas agora, diante da rede trans-nacional que o capitalismo atual formou, temos uma crise dos Estados Nacionais, afetando estes em termos de hegemonia territorial. O mercado em seu movimento de internacionalização, reunindo os mercados nacionais em uma grande teia sem fronteiras, acaba “abrindo” as fronteiras geográficas das mais variadas sociedades, incorporando bens simbólicos e materiais.

Segundo Canclini (1995), há quatro circuitos sócio-culturais que contribuem

para que analisemos o processo de crise dos estados nacionais, em função do movimento transnacional da globalização:

1. Histórico-territorial – representado pelo conjunto de saberes, costumes e experiências organizadas em várias épocas, de acordo com territórios étnicos, regionais e nacionais. A cultura popular tradicional
2. Cultura das Elites – constituída pela produção simbólica escrita e visual, integrou-se ao mercado e processos de valorização internacionais.
3. Comunicação de massa – rádio, cinema, TV, vídeo. Indústria do entretenimento e do espetáculo contribuindo da sua maneira como agente de formação de opinião.
4. Sistemas restritos de informação – satélite, fax, celulares, computador, etc.

Nestes quatro elementos temos traços de como a atualidade globalizada foi se constituindo. Este autor nos diz que “A competência dos Estados nacionais e de suas políticas culturais diminui à medida que transitamos do primeiro para o último circuito.” (*Ibid.*, p. 37-8).

Podemos contrastar o modelo capitalista disciplinar com o modelo capitalista em rede, próprio ao mundo globalizado. São características do capitalismo moderno:

- a) fronteiras sócio-econômico políticas bem definidas, demarcando bem o mercado interno e o mercado externo;
- b) valores tradicionais e nacionalistas sobrepujando os valores externos (Estado-Nação forte);

- c) máquinas analógicas + moldes e metas para o corpo disciplinado;
- d) relações mais “locais”

Já o capitalismo em rede pode ser assim resumido:

- a) fluidificação das fronteiras / encurtamento espaço-temporal com as altas tecnologias, não demarcando mais tão bem o mercado interno e o externo, principalmente com a globalização;
- b) modelo de mercado e de consumo constituindo um mercado transnacional que sobrepuja os valores nacionais e tradicionais das diversas nações em prol de um mundo globalizado;
- c) tecnologias digitais + aptidões para o corpo controlado e, conseqüentemente, modulado;
- d) mercado global.

Devido a todos estes fatores, estamos no capitalismo da sobre produção, como no início da era industrial, só que com um alcance global, em rede. A era de consumo é caracterizada pelos produtos acabados, serviços e ações.

Temos de encarar os elementos constituintes da atualidade como vetores de forças que imprimem um ritmo diferente na constituição da subjetividade. Uma das diferenças no contexto atual é que esta “crise de fronteiras” não se restringe apenas às fronteiras geográficas e aos estados nacionais. Vejamos os elementos que ajudam a compor o quadro atual: as mudanças de padrão urbano e de convivência; a noção de próprio e do outro, com a diluição entre os limites do público e do privado; o senso de pertencimento e de identidade sendo constantemente redefinido, impondo um modelo global em detrimento dos vínculos locais. Desta forma, temos uma série de fatores que

juntos colocam o ser humano cada vez menos como representante de uma opinião ou lugar público, e sim cada vez mais isolado em sua produção subjetiva individualizada, dentro de um sistema individualizante.

Através deste ponto de vista, não há mais nações isoladas se comunicando via mercado mundial e sim uma rede trans-nacional e seus elementos. Um sistema integrado e integrante, onde culturas mesclam-se, produzindo novas possibilidades de subjetivação, num movimento de constante transgressão, sempre apontando para um além do atual.

Em um primeiro momento, até a era industrial tínhamos a capacidade de produzir em série. Forma dada à força produtiva através da disciplina, pelos poderes vigentes, nos processos de produção. Os mecanismos de poder incidiam seu foco diretamente sobre o corpo em uma localidade específica. O controle dos corpos era exercido de perto, através de rígidas rotinas de tempo, como descrito por Foucault (FOUCAULT, 1975). Hoje estes componentes ainda fazem parte do nosso cotidiano, pois a disciplina não se extinguiu. No entanto, ela precisou se articular com um novo contexto como uma forma mais eficaz de sujeição dos corpos através de políticas de mercado que permitem cada vez mais um controle a céu aberto (DELEUZE, 1992).

Bauman, citando Mark Poster, propõe o Sinóptico como modelo de controle que vem se desenvolvendo na atualidade (BAUMAN, 1999). No Panóptico, poucos vigiavam muitos. Tanto sujeito como objeto do controle encontravam-se restritos à localidade. No Sinóptico muitos vigiam poucos. Há uma total diluição do vínculo entre o local e as forças de controle. O tipo de regulação passou a ser de uma ordem a-espacial. A importância maior no modelo de mercado global é derrubar qualquer coisa que venha a ser uma barreira para o fluxo do capital. Os Estados-nação e suas políticas

alfandegárias são alvo do movimento de desterritorialização da economia. Uma das características da virada do século é a perda dos referenciais absolutos.

Desta forma, o mundo foi se integrando e constituindo um grande mercado global. Este funciona de acordo com as leis do capitalismo hiper-moderno, ou seja, um capitalismo em rede, que, de acordo com suas ondulações, busca capturar tudo que estiver ao seu alcance.

Seus mecanismos são da ordem da produção sobre seu próprio terreno. Dentro deste contexto, a produção se dá pela busca incessantes de possibilidades de geração de novos produtos, numa constante produção sobre si. Desta forma, as relações econômicas, sociais e políticas estão sendo remodeladas, não mais segundo uma polaridade obtida nos tempos de guerra fria, mas de acordo com a hegemonia da economia trans-nacional de mercado.

2) Valor da vida no mercado globalizado:

Se o mercado capitalista se apresenta de uma forma globalizada hoje, poderíamos pensar como este foi se constituindo, para pensarmos uma subjetividade consumista. Poderíamos pensar a constituição desta forma de subjetivação a partir da mudança de modelo de produção que se dá a partir da revolução industrial, principalmente.

O consumo não surge apenas aí, pois sempre se consumiu para subsistir, mas falamos agora de outro modelo. À medida que mais produtos começaram a ser

produzidos e grandes excedentes foram sendo acumulados é possível dizer que, passamos da era da produção para a era do consumo.

Uma das características da Sociedade de Consumo é a grande variedade do que poderíamos chamar de produtos supérfluos, que começam a se fazer mais presentes, mais constantes, na vida cotidiana. Tem início, então, uma virada: de uma economia com base em bens duráveis, produzidos mediante uma necessidade prévia, para a produção de bens descartáveis, feitos em massa. Sendo assim, não é mais a necessidade que se apresenta como motor propulsor da sua produção e sim o inverso, ou seja, o excesso de produção criando a necessidade de venda dos produtos, cedendo espaço para a criação de demanda.

“O aumento da produtividade industrial influiu de modo decisivo, na transformação imaginária do trabalho em labor. O avanço tecnológico, a produção de bens industriais em grande escala, a melhoria das condições de vida dos operários e a criação de um mercado de compradores despiram o trabalho de seu caráter artesanal. A velocidade com que os novos bens eram produzidos e vendidos mudou o sentido do ato de fabricar e do de comprar. Quem produzia não se percebia mais como autor de coisas feitas para atender necessidades reais, mas para serem vendidas, sendo ou não necessárias. Vender e não fazer coisas úteis se tornou meta final da produção. (...) A conversão do *homo faber* em *animal laborians* foi a fórmula encontrada pelos agentes econômicos de acomodar o poder de compra individual ao ritmo da produção.” (COSTA, 2004, p.133)

É interessante o que nos apresenta o autor da obra supracitada, calcado nas teorias de H. Arendt, mostrando que a utilidade neste modelo passa a ficar subordinada à felicidade. Uma vitória do consumo sobre a utilidade do produto. Portanto, a necessidade de produtos que tivessem vida útil que ultrapassasse a própria vida de seu artífice, passa a ser secundário. A base da utilidade passa a ser moldada pela necessidade de atender a demanda da produção em larga escala. Não mais os encontramos na era do produtor, mas na do consumidor. O supérfluo e o consumo ganham terreno significativo.

Entramos no modelo do *animal-laborians*, saindo do seu antecessor o *homo-faber*. Em suma, é a passagem do trabalho artesanal, da criação singular de produtos finais que atendem a uma demanda inicial, para a linha de montagem e a produção em massa, que por produzir em excesso, visa criar demanda após a produção.

Isto se agrava ainda mais nos dias atuais se levarmos em consideração o marketing e os meios midiáticos, que alavancam as vendas através de comerciais, vendendo o produto através da produção de sonhos, de idéias, incentivando o consumo. Isto tudo calcado na inversão acima descrita, pois o excesso de contingente de produção vai precisar ser canalizado, via consumidores, para que seja mantida a indústria e sua tão almejada margem de lucro. Não é à toa que se diz que os produtos são vendidos pela embalagem e não somente por sua utilidade, pois estas medidas fazem parte do mecanismo da criação de necessidades em que o capitalismo atual se encontra.

Há todo um jogo de sedução e de fetichização dos objetos de desejo. O corpo, o prazer e o sensório, entram nesta ciranda de forças. Sonho e fantasia fazem parte da sedução consumista, fantasia tornada realidade. Passamos também da indústria de massa à fabricação de desejo, por esta necessidade de cobrir os excessos de produção a posteriori.

Mas a velocidade de produção e os excessos não podem por si mesmos engendrar demanda. O que precisamos compreender é que os mecanismos de obsolescência são parte da demanda de liberdade que o indivíduo contemporâneo tanto almeja. O importante no modelo atual de consumo é manter a chama do desejo acesa, não plenamente saciada. Por isso trata-se de um modelo sócio-econômico que precisa de um homem ávido, voraz, sedento por satisfação/excitação. Desta forma, seu desejo não pode ser nunca totalmente saciado. É como na dinâmica do vício, por haver ainda o que

experimentalizar.

“Há também a inquietude, a mania de mudanças constantes, de movimento, de diversidade – ficar sentado, parado, é a morte ... O consumismo é assim o análogo social da psicopatologia da depressão, com seus sintomas gêmeos em choque: o nervosismo e a insônia.” (CARROL apud BAUMAN, 1999, p.90-91)

A partir desta ciranda de múltiplas ofertas, os indivíduos enfrentam o “dilema” de escolher entre isso ou aquilo, sempre podendo satisfazer seu desejo de experimentar outro objeto depois. Assim, nunca correm o risco de esgotarem as suas opções de consumo. Se me canso de minha escolha primeira, sempre há de reserva a segunda, terceira e quarta, e assim por diante. Isto mostra que o desejo de experimentar novas sensações, está sendo satisfeito pelas novas opções que tenho disponíveis. Um pacto entre a indústria, o mercado e o consumidor. São indícios de que fazemos parte de cultura individualista e hedonista, que cada vez mais busca prazeres e excitação. Um imediatismo calcado na satisfação fugaz de pequenos prazeres repetidos, torna-se a tônica.

Na “liberdade” de escolha para consumir, mantenho um certo grau de liberdade diante da polifonia de opções a escolher, que me garante alguma segurança, mesmo que temporária. Os indivíduos devem manter-se na ciranda do fluxo. Este é o paradoxo liberdade/segurança que temos no capitalismo globalizado, leve e líquido.

Diante das múltiplas opções de escolha e eterna circulação e mudança de valores, neste fluxo intermitente da fluidez do capitalismo em rede, há uma questão que deve ser apontada: não mais nos encontramos no modelo do padrão, mas sim o da aptidão, como no *fitness*.

No modelo padrão, há um parâmetro de referência fixo, servindo de meta comparativa, induzindo-nos a um pensamento de norma e desvio. Uma hierarquia clara

nas relações, onde dentro e fora são bem demarcados. Já a partir do *fitness*, há um deslocamento para um modelo de atualização interminável, intermitente. Assim como alongo a capacidade de meu corpo e o torno mais apto a lidar com as demandas do cotidiano, faço-o de acordo com uma subordinação deste ao prazer, à diversão. Pois o ser que está apto a cumprir certa tarefa está diretamente dentro do modelo consumista, ou seja, é um amante da diversão, do risco, vivendo nas tensões do ante-prazer. A possibilidade de uma satisfação futura serve de abre-alas para a manifestação de comportamentos compulsivos. Há uma necessidade do indivíduo desamparado, sem referências fixas de se sentir seguro, amparado.

“A índole desta sociedade proclama: caso esteja se sentindo mal, coma! ... O reflexo consumista é melancólico, supondo que o mal-estar adquire a forma de se sentir vazio, frio, deprimido – com necessidade de se encher de coisas quentes, ricas, vitais. Claro que não precisa ser comida, como na canção dos Beatles: “sinto-me feliz por dentro” (“feel happy inside”). Suntuoso é o caminho para a salvação – consuma e sinta-se bem! (CARROL apud BAUMAN, 1999, pp.90-91)

Além de haver necessidade de preenchimento do vazio, há a necessidade de manter-se em movimento, numa busca de excitação. Quanto mais abrangente for o meu poder de alcance, menos preso aos guetos estou e, conseqüentemente, mais circulação possuo. Por isso, movimento e compulsão consumista são um *must*, uma pressão internalizada.

“Essa impossibilidade de viver a vida de qualquer outra forma, revela-se para esses consumidores sob o disfarce de um livre exercício de vontade. (...) mas a cada visita a um ponto de compra os consumidores encontram todas as razões para se sentir como se estivessem – talvez até eles apenas – no comando. (...) Eles podem, afinal, recusar fidelidade a qualquer das infinitas opções em exposição. Exceto a opção de escolher entre uma delas, isto é, essa opção que não parece ser uma opção.” (*Ibid.*, p.92)

Ao atender a uma falta, preenchendo lacunas existenciais pelo fluxo consumista, ao mesmo tempo atendo ao mercado e às minhas necessidades identitárias. Passo a mesclar escolha e satisfação de prazeres com segurança.

Um consumidor feliz é aquele que consegue ao mesmo tempo atingir um certo grau de liberdade na escolha dos produtos e serviços que irá consumir e, ao mesmo tempo, ter a segurança de que seu desejo será saciado até segunda ordem, ou seja, enquanto for conveniente. Depois, um novo circuito de consumir será deflagrado e novamente não saciado completamente, de tal modo que uma satisfação plena é algo fora de cogitação. Por isso, diante da polifonia de possibilidades, o humano anseia por liberdade e por segurança ao mesmo tempo. Este é um paradoxo que parece ter achado seu modo de funcionar na sociedade de consumo.

O homem de hoje “não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações.” (DELEUZE, 1992, p.223)

Como nos encontramos em economia de mercado, os setores de marketing e de vendas fazem parte do mecanismo de controle social e do fluxo de consumo, pois têm como objetivo alavancar a venda dos excedentes. Neste movimento de produção e consumo, há o risco de aprisionamento da vida na ciranda do mercado pela não avaliação dos valores que permeiam a formação subjetiva afetada por estas forças. Entendemos que estas características fazem parte dos mecanismos de captura atuais, que estabelecem através destas forças uma relação entre o mercado e o consumo. Assim, podemos afirmar que a mudança no modelo de produção, vista anteriormente, serve de fio condutor para se compreender a subjetividade consumista, sendo a criação de demanda e a superexcitação do corpo peças centrais para a “intromissão” do consumo no campo da vida.

Já em Foucault (1975) vemos uma tentativa de domesticar o corpo, como modo de capturar a vida e produzir subjetividades dóceis. O modelo sócio-econômico-

político atual vem mudando sensivelmente o investimento na formação subjetiva, devido à forma diferente com que o humano vem se relacionando com seu corpo:

“(...) um paradoxo capaz de reunir controle e estimulação, exploração do corpo e sua valorização, nada mais sugestivo que os trabalhos de Foucault sobre o biopoder e as reflexões de Deleuze sobre a sociedade de controle (...) dominação capitalista em relação ao corpo e à vida, cujas bases se situam na passagem de uma ordem político-jurídica para uma ordem tecnocientífica-empresarial. (...) Desde então suscitando dois movimentos concomitantes: o primeiro é um movimento de expansão externa – impelindo cada corpo a se conectar direta e cotidianamente com as necessidades do mercado global; o segundo, é de expansão interna, incitando a cada um a voltar-se para seu corpo e a querer o controle e o aumento os níveis de prazer.” (SANT’ANNA, 2002, p.99-100)

Logo, o corpo/subjetividade passa a ser dobrado por interesses para além da esfera pessoal de cada indivíduo, mediatizado pelos valores de mercado. Ao mesmo tempo, outro mecanismo complementar faz também sua parte neste sistema, que é justamente a terceirização dos laços sociais, ou seja, cada um por si e o estado não mais por todos. Falência progressiva do público diante do privado no modelo neo-liberal globalizante. Assim, o corpo/subjetividade, com suas singularidades e potências, tende a ficar em segundo plano diante das demandas para além de si. Ao invés de agenciar o interno com o externo, há submissão aos valores externos. Em suma, as necessidades e singularidades de um corpo são preteridas em favor das necessidades da economia de mercado e das excitações que podem ser obtidas.

Temos de entender que este movimento e adoção destes valores passam a ser feitos através da eleição do corpo como lugar privilegiado da subjetividade de cada um, pois na ordem técnico-científica o corpo toma o lugar da alma⁶.

Além disso, sendo este corpo inserido em uma ordem de mercado mundial,

⁶ O corpo e sua capacidade produtiva em termos de trabalho braçal na era disciplinar e posteriormente sua capacidade de produção criativa ou imaterial na era do controle, mostram que esta expressão denota o caráter central que o corpo passa a ter. (ORTEGA, 2002, p.139-173)

sendo visto como uma mercadoria, seu valor de liquidez é bastante significativo. Como tal, não escapa ao circuito do marketing e a ser visto como algo que pode sofrer alterações de acordo com os sonhos vendidos pelo capital global. Metamorfoses que cada um passa a poder almejar, apoiadas nas aceleradas mudanças tecnológicas: *upgrades* do corpo em busca da extensão da vida e ampliação da qualidade desta. Transforma-se a aceleração, a pressa em atualizar-se, em um modo de vida normalizado. Estender o encontro com a morte é estender o prazo de validade do corpo.

Poderíamos retomar o termo de Bauman, “modernidade líquida”, para entender o contexto em que se inserem os dispositivos de biopoder na atualidade (BAUMAN, 2001). Este, em sua forma de gerir a vida, conta com estratégias sutis de demandar constante readaptação, moldando-se a novos contextos. Este potencial de vir a ser está servindo de força sinérgica para o modelo do capital global contemporâneo.

É importante relacionar o incremento tecnológico nos meios de produção ao consumo, pois assim este se apresenta como uma saída para a crise de identidade, advinda da crise das instituições. Se o consumo pode ser compreendido de acordo com a sua racionalidade econômica e também como conjunto de processos sócio-culturais de apropriação e uso dos produtos e serviços, vemos que o sistema sócio-econômico achou um meio de reproduzir a força de trabalho e aumentar a participação social através de seus consumidores. Ao inserir toda e qualquer força de trabalho no exército de consumidores, tanto se atende a demandas reprimidas, através da satisfação de desejos, como se cria uma realimentação do sistema e do circuito consumista. Portanto, a fabricação de produtos e também de desejos é necessária para realimentar o circuito de produção e consumo.

“O consumo, diz Manuel Castells, é um lugar onde os conflitos entre classes, originados pela desigual participação na estrutura produtiva, ganham continuidade através da distribuição e apropriação dos bens. Consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usa-lo.” (CANCLINI, 1995, p. 54)

Assim, o consumo se constitui também como um espaço de interação, sedução, racionalidade, onde aspectos simbólicos e estéticos são configurados. Se olharmos pelo prisma da comunicação e da construção de signos, ao compartilharmos bens, cultura, língua, etc, constituímos “bens comuns”. Portanto, consumir ocupa o lugar de integração de uma sociedade. Uma tentativa de reformatar uma noção de identidade, perdida nas infinitas possibilidades da rede do mercado tecnocrático do século XXI.

Diante da dispersão dos signos universais e da impossibilidade de se estabelecer códigos estáveis, o horizonte do mercado global se tornou representante de uma complexidade ímpar em termos e possibilidades futuras, devido às infinitas combinações possíveis de forças que atuam no mercado. Há um fator de imprevisibilidade que o sistema produz e reproduz, que nos induz a concluir que consumir também é uma forma de dar ordem, organizando a teia social diante do mercado e suas múltiplas facetas. Se as relações e forças na atualidade são cada vez mais erráticas, instáveis, consumir é também tornar inteligível as relações em um mundo onde a constância é cada vez mais difícil de ser encontrada.

3) Consumo e Subjetividade

A gestão da vida, nos moldes do biopoder atual, está nos induzido a adotarmos um ritmo de atualização intermitente, que reflete a volatilidade do modelo atual e de seus valores. Vemos que isto se dá, pelo menos em parte, em função da reestruturação das práticas econômicas globais.

Uma aliança tecnológico-econômica facilitou este processo, diminuindo a força dos valores locais, perante a polifonia dos valores globais. O acesso aos bens materiais e simbólicos foi incrementado via tecnologia e cultura de massa. Diante destas forças que produzem novos objetos e valores, que tipo de cidadania somos capazes de exercer? Frente à fragmentação dos mapas nacionais, diante da expansão neo-liberal globalizante, temos de indagar, perante este mal-estar na atualidade, se o consumo não é uma nova forma de sustentar os parâmetros individuais calcados em identidades, mesmo que mais flexíveis.

O modelo de mercado que se alimenta de crises, utilizando-as de forma a romper barreiras, ou seja, tudo que se torne obstáculo ao fluxo trans-nacional de capitais. No fluxo transterritorial globalizante, deu-se a crise “do popular”, das tradições, em função da lógica multilinguística do mercado mundial. O “meu”, em seu sentido de identidade, é submetido a uma ciranda complexa de forças, que constitui esta a-territorialidade, a-centralidade, característica do modelo de rede. Uma crise de pertencimento...

Os moldes territoriais, monolinguísticos, que se efetuavam calcados em relações de proximidade, com espaços bem demarcados em termos de identidade e cultura nacional, operam agora sob o signo da comunicação tecnológica, onde a

segmentação da distribuição de bens e serviços está para além da localidade. Portanto, a vida passa a ser constantemente convidada a funcionar de acordo com o valor de mercado.

“A aproximação da cidadania, da comunicação de massa e do consumo tem, entre outros fins, reconhecer estes novos cenários de constituição do público e mostrar que pra se viver em sociedades democráticas é indispensável admitir que o mercado de opiniões cidadãs inclui tanta variedade e dissonância quanto o mercado da moda. (*Ibid.*, p. 34)

Isto significa dizer que conservo minha identidade apenas enquanto for útil conservar um dado padrão, mudando assim que for conveniente.

Suely Rolnik (2002b) afirma que esta diferença própria ao movimento do mercado não deve ser confundida com singularidade, com o fluxo diferencial de uma constituição subjetiva criativa. Trata-se de algo da ordem dos mecanismos de captura, na medida em que estaria previsto pelo valor de mercado.

Segundo este, as identidades são imbuídas de um caráter transitório, onde a “diferença” é algo capturado pela ordem da moda e, conseqüentemente, do consumo. Aqui há um esvaziamento do Outro que constitui uma alteridade e uma inflação do outro especular, como imagem a ser consumida. O Outro esvaziado de seu valor de introdução da dessimetria.

O mercado individualiza e serializa as identidades, produzindo-as como o que deve ser consumido. As identidades e o processo de adoção dos seus mais variados tipos – o que Rolnik chama de “kits de identidade” (2002) – é uma forma de submissão aos valores hegemônicos do sistema, que hoje se apoiam no consumo.

Como devemos ter o cuidado de estar aptos às demandas do mercado, devo estar o mais maleável possível. Quanto mais o indivíduo conseguir se conceber de forma flexível, mais chances tem de se adaptar ao que é esperado dele. Da força de

trabalho hoje este é o mínimo que se espera, por isso, quanto maior o grau de adaptabilidade que possa apresentar, melhor. Reproduz-se, então, um kit de identidade, de acordo com a demanda do momento. Mas somente mantenho este kit enquanto for favorável um acordo entre o indivíduo e a identidade adotada. Geralmente deixo a minha identidade atual para achar outra mais adequada no sentido de estar mais apto a cumprir as demandas de flexibilidade mercadológica. Não estamos mais no modelo do padrão de referência, onde era mais adequado possuir uma identidade fixa. Os kits de identidade são usados e descartados de acordo com a conveniência ou modismo, adequando-se ao momento vigente.

Ao nos depararmos com estas características, ou seja, de um mercado que demanda dos indivíduos habilidades de camaleão e ao mesmo tempo nos remete a um circuito fechado que é o mercado globalizado que não tem exterioridade, chegamos à equação básica da vida neste modelo, da vida dobrada pelo valor de mercado. Por mais que tenhamos uma diversidade imensa de culturas no globo terrestre, com suas diferenças peculiares, estas formas singulares de manifestação do humano estão sendo convidadas a funcionarem dentro da ótica de mercado.

Mesmo não havendo homogeneização cultural, temos um totalitarismo mercadológico.

Desta forma, atende-se aos anseios individuais, pois propicia-se liberdade de escolha e, ao mesmo tempo, segurança identitária através do que posso consumir. Uma sensação de pertencimento é favorecida pelo consumo de bens e serviços como também de idéias e identidades.

A noção de “identidades prêt-à-porter”, desenvolvida por Suely Rolnik

(*Ibid.*), refere-se justamente a este padrão de adotar identidades momentâneas. A autora a define como kits de perfis-padrão, de acordo com o mercado. São consumidas assim como os produtos dietéticos, naturais, etc. Bauman (1999) segue uma via similar, ao afirmar que basta o indivíduo ter “disponibilidade”. Esta não pode ser reduzida a uma disponibilidade financeira e sim medida pela possibilidade do sujeito se dispor a abrir mão de seu objeto de consumo e buscar outro. Este movimento é bastante incentivado hoje, pois parecem inesgotáveis as possibilidades de escolha a nossa disposição.

“...é a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis, que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade.” (ROLNIK, *op. cit.*, p.20)

Estes “kits existenciais” nos dão amparo, pois nós sentimos como se estivéssemos trafegando por um terreno conhecido. Neste sentido, não nos sentimos mais à deriva, arremessados em um caos de possibilidades infinitas. A que preço a segurança se estabelece na vida de milhões de pessoas? O preço a ser pago me parece ser o da “liberdade de escolha”, de não mais questionarmos o que se apresenta diante de nós, pois a adoção, a priori, de uma representação de si, como compensação à lógica de pulverização dos referenciais, parece ser uma forma de manter o modelo da referência identitária, insistindo em uma figura.

Seguindo esta argumentação, será que poderíamos afirmar que indivíduos, em um momento de consumo compulsivo, poderiam ser considerados como que adotando, mesmo que momentaneamente, uma forma passiva de subjetivar? Meros reprodutores de valores previamente formados no mercado do capital global?

Um dos sintomas da atualidade seria a tendência dos indivíduos buscarem uma sensação de segurança pela sua identificação e consumo de produtos ou identidades

temporárias. Se tanto o espaço como os conceitos estão cada vez mais escorregadios em sua liquidez, quem sabe algo sólido e concreto, como um objeto que me é oferecido no mercado, pode me dar a sensação de propriedade, de solidez, para a minha tranquilidade. Se não tenho mais como saber quem sou devido à falência de um denominador comum que sirva de valor gregário, pelo menos saberei pela minha inserção social, pelo que tenho e que posso vir a ter!

Isto nos parece ser um efeito da ambivalência da atualidade, que ao mesmo tempo produz múltiplos focos para termos a sensação de “liberdade de escolha”, mas ao mesmo tempo responsabiliza o indivíduo totalmente por seu sucesso ou fracasso. Você está “livre” para virar-se... num cenário cada vez mais fragmentado e incerto, onde uma identidade fixa é algo inapropriado. Isto porque temos de estar em preparação constante, adaptáveis a novos contextos, com o mais elevado grau de adaptabilidade possível.

Se o ideal capitalista que se apresenta hoje é o do consumo, a possibilidade dos indivíduos se endividarem é seu par perfeito. Ambos são mecanismos regidos pelas atuais leis do mercado global. Assim, parece correto afirmar que o consumidor ideal é aquele que reage a seguinte frase: “Não pergunte... cale-se e compre!”. Mesmo que apenas esteja “comprando” um kit de identidade, prestes a perder sua validade.

Tendo em mente que este consumo identitário é uma produção do mercado, ressaltamos, uma vez mais, a necessidade de não confundi-lo com a expressão da singularidade. Isto porque o termo singularização designa uma ruptura com a subjetividade capitalística, pela manifestação de outras formas de ser. Portanto, o grande desafio é viver dentro do mercado globalizado de forma criativa, sem se deixar dobrar pelo valor de mercado. A vida em seu aspecto criativo, como valor de ruptura. Isto será visto em maiores detalhes no próximo capítulo.

Capítulo II

Resistência na atualidade:

Alguns elementos para uma configuração subjetiva singular

Em uma política de mercado, onde a liquidez e a velocidade imprimem um ritmo que demanda eficácia, “qualidade total”, seria possível ser de outra forma? Este é o desafio. De que forma seria possível não nos tornarmos prisioneiros de um processo formador de individualidades consumistas?

Até a modernidade, seguíamos padrões que demarcavam a norma e o desvio. Já na atualidade, a questão não é mais a do padrão e sim da aptidão. Esta novidade nos coloca sempre em um estado de incompletude, pois nunca se chega a uma meta final. Quem está apto sempre vai se esforçar continuamente para continuar sendo, enquanto quem não é vai buscar se atualizar para tentar sê-lo.

“Os objetivos podem ser estabelecidos apenas para a presente etapa do esforço sem fim – e a satisfação de alcançar o objetivo é apenas momentânea. Na longa busca pela aptidão não há tempo para descanso, e toda a celebração de sucessos momentâneos não passa de um intervalo antes de outra rodada de trabalho duro. Uma coisa que os que buscam a “aptidão” sabem com certeza é que ainda não estão suficientemente aptos, e que devem continuar tentando. A busca da aptidão é um estado de auto-exame minucioso, auto-recriminação e auto-depreciação permanentes, e assim também de ansiedade contínua.” (BAUMAN, *op.cit.*, pp.92-93)

Parece-nos que o homem contemporâneo, super-excitado pela demanda de atualização constante e intermitente, corre sérios riscos de passar a agir de forma impulsiva se não encontrar uma forma de se distanciar, no sentido de se problematizar, frente às premissas mecanicistas da vida acelerada. Estamos em tempos de um presente eternizado pela instantaneidade; de um “faça agora!”. Acabamos nos valendo dos “kits de identidade” disponíveis, como de quaisquer outros mecanismos que nos tornem cada

vez mais aptos. Não seriam estes mecanismos de controle do capitalismo atual?

Alguns aspectos marcantes dos nossos tempos - a velocidade na circulação de informações e as mudanças de cenário cada vez mais rápidas - nos oferecem uma grande possibilidade de trocas, de expansão das possibilidades de interação, mas, ao mesmo tempo, nos expõem ao risco de uma “formatação” na nossa forma de ser no mundo.

O mesmo mal-estar que advém da instabilidade e reconfiguração constante da atualidade, pode produzir sintomas de ansiedade e insegurança devido à falta de parâmetros mais constantes. O cenário globalizado da atualidade ao mesmo tempo em que propicia uma chance de ruptura com o *status quo*, como uma possibilidade de resistência, favorece a atualização dos mecanismos de captura. Conseqüentemente, este mal-estar situa-se na encruzilhada entre a potência criativa da vida – o possível desdobramento dos valores de mercado – e os valores de mercado e suas demandas de atualização constante – os valores que dobram corpos e subjetividades, numa ciranda de consumo, que se estende à adoção de identidades temporárias, como vimos anteriormente.

É devido a esta configuração que propomos uma saída através da criatividade, da produção singular. Em suma, apostamos na diferença e na avaliação como forma de afirmação. Uma saída do consumo compulsivo e outras formas de assujeitamento, que representam a repetição dos valores de mercado.

As subjetividades assujeitadas, passivas, dobradas pelo sistema, mantêm-se em um curso linear de repetição do mesmo. Estas “subjetividades” apenas espelham padrões dados a priori. Re-agem ao invés de agirem. Resumindo: é a repetição do

mesmo, que sustenta a produção do sujeito através de atos com pouca ou nenhuma avaliação dos valores que se apresentam em questão. Diferentemente da repetição diferencial, que possibilita a produção de pensamentos singulares, abrindo espaço para a criação. Subjetividades que produzem e se desdobram do que é dado a priori.

“(...) o conceito de dobra é utilizado por Deleuze para explicar a possibilidade – lançada por Foucault em seus últimos dois livros – de um si mesmo constituído como núcleo de resistência frente à poderes e saberes estabelecidos.” (DOMENÈCH, TIRADO & GÓMEZ, 2001, p.130)

Poderemos realmente resistir, de forma não reativa, se o fizermos dentro dos moldes atuais, ou seja, agenciados com o poder e não contra o modelo atual, ansiando por um retorno a outrora. Talvez a questão não seja se desdobrar do mercado e sim se desdobrar com o mercado. Este trabalho tem de ser feito articulado ao poder, na imanência. Já que não há um fora do mercado, valores sócio-culturais além dos normalmente aceitos têm de ser produzidos, desdobrados de dentro do sistema. A criação do novo, do singular há de surgir como o fora do dentro.

1) Para resistir... é necessário avaliar.

Como o axioma do capitalismo atual sempre visa o controle de novas manifestações de criatividade, segundo o qual corremos constante e intermitente risco de sermos absorvidos pelo mercado, a *avaliação* deve ser incluída como parte vital deste sistema. É uma forma de manter como primeira a chama criativa da vida e em segundo os processos de fagocitose implementados pelo mercado, que globaliza copos e subjetividades.

Poderíamos criticar esta avaliação de si no sentido dela ser parte do planejamento neo-liberal de produção de individuação intermitente? Um indivíduo que visa se atualizar e por isto se avalia? Este mecanismo poderia ser um tipo de captura, pelo desejo de ser cada vez mais apto. É bem pertinente esta questão, mas na verdade o que propomos é que avaliemos as forças que operam na formação subjetiva na atualidade. Que façamos a inscrição de novos valores, como manifestação criativa, ao invés de simplesmente incorporar valores já dados de antemão. Por isto a questão do valor é importante, pois esta avaliação pode tanto estar a serviço dos mecanismos de captura, como favorecer a resistência.

Nossa hipótese é que se não houver avaliação dos valores que implementamos na vida, cotidianamente, não estaremos tendo chance de produzir com o mercado e de nos desdobrarmos criativamente com o mesmo. Neste viés, estaríamos é sendo dobrados, sem oferecermos qualquer forma de resistência, compulsivamente adquirindo e repetindo valores, perpetuando-os sem nos darmos um instante, que seja, de dúvida quanto ao próximo passo. O caminho da repetição compulsiva é uma “trilha única”, enquanto que o da criatividade é múltiplo e indeterminado. Devir e não porvir!

Como nos mostra Bauman, a era da modernidade líquida, de constantes reconfigurações, nos leva a estarmos sempre em constante necessidade de atualização, de *upgrades* diários⁷ (BAUMAN, 2001). A pergunta que gostaríamos de fazer é: que forma de subjetividade está sendo produzida neste cenário? Subjetividades excessivamente individualistas e consumistas, certamente. Porém estariam fadadas a sê-lo por estarem sendo formadas dentro do mercado ou podem se produzir de forma diferenciada?

⁷ Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema dos *upgrades*, ver SIBILIA (2002).

Dito de outro modo: que forma de existência pode ser produzida neste cenário, que seja capaz de resistir aos poderes que visam controlar a vida englobando a nossa forma de ser no mundo? Como buscar ser singular? Acreditamos que a busca de um pensamento que aponte para uma ética da diferença é um desafio dentro do contexto atual.

“Pensar é experimentar, é problematizar. O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento. E, primeiramente, considerando-se o saber como problema. (...) Pensar é fazer com que o ver atinja seu limite próprio, e o falar atinja o seu, de tal forma que os dois estejam no limite comum que os relaciona um ao outro separando-os.

(...) em função do poder como problema, pensar é emitir singularidades, é lançar os dados. O que o lance de dados exprime é que pensar vem sempre de fora (esse lado de fora que já era traçado no interstício ou constituía o limite comum.)

E é isto o lado de fora: a linha que não pára de reencadear as extrações, feitas ao acaso, em mistos de aleatório e de dependência. Pensar assume aqui, então, novas figuras: obter singularidades; reencadear as extrações, os sorteios; e inventar, a cada vez, as séries que vão da vizinhança de uma singularidade à vizinhança de outra. Existem singularidades de todos os tipos, sempre vindas de fora; singularidades de poder, apanhadas em relações de forças; singularidades de resistência, que preparam as mutações; e mesmo singularidades selvagens, que ficam suspensas no lado de fora sem entrar em relações nem se deixar integrar... (e somente aí o "selvagem" adquire sentido, não como experiência, mas como o que ainda não entra na experiência). (DELEUZE, 1995, p.21)

Esta busca de um pensamento produzido por uma subjetividade que se problematiza se torna imprescindível. Ainda mais quando a característica principal da atualidade é a liquefação do espaço e das fronteiras mundiais pela economia de mercado, formando subjetividades através de relações de poder cada vez mais sutis.

Antes buscava-se a defesa da autonomia, pelo direito de ser diferente diante dos princípios de ordem e de normatização que tendiam a uma homogeneidade compulsória e ameaçavam a diferença. Uma sociedade melhor e igual para todos. Uma utopia! Na atualidade, esta questão se torna bastante complexa, pois não mais se busca acabar com a variedade, muito pelo contrário. O que se estimula hoje no mercado é a

possibilidade quase infinita de ser diferente. A homogeneização uniformizante da sociedade disciplinar cede lugar à reciclagem contínua da sociedade de controle.

Podemos retomar os *kits* de identidade e sua característica de camaleão, pois são bastante ilustrativos desta dinâmica de mutação constante e a flexibilidade demandada dos indivíduos pelo valor de mercado na atualidade, em função da comunicação instantânea e global, pelo excesso de informação a que temos acesso. Como valor resultante disto, temos a indiferença.

“O grande pensamento nietzschiano da transvaloração de todos os valores viu-se assim realizado justamente ao inverso, pela involução de todos os valores. Não passamos para além, mas para aquém do Bem e do Mal, para aquém do Verdadeiro e do Falso, para aquém do Belo e do Feio – não para uma dimensão por excesso, mas para uma dimensão por falta. Não houve nem transmutação, nem ultrapassagem, mas sim dissolução e indistinção.

(...)

Substituímos a transmutação dos valores por sua comutação, sua transfiguração recíproca por sua indiferença mútua e sua confusão. No fundo, sua transdesvalorização. A conjuntura contemporânea de reabilitação de todos os valores e de sua comutação indiferente é a pior de todas. Até mesmo a distinção do útil e do inútil não pode ser mais colocada, devido ao excesso de funcionalidade que leva à sua contaminação – é o fim do valor de uso.

(...)

Assim ocorre com todos os sistemas, inclusive os sistemas de valores, caracterizados pela perda de sua referência e a ultrapassagem de seu fim. Passando para além de sua determinação e de seu próprio princípio, tornam-se metastáticos (...) Dessa forma o sexo não está mais no sexo, o político não está mais no político, mas sim espalhados por todo o lado, em outros lugares. (...) Todas as categorias desaparecem em proveito de uma espécie de hipersincretismo, de homeostasia e de indistinção.” (BAUDRILLARD, 1999, pp. 9-11)

Diante desta complexidade que se apresenta na atualidade, temos de distinguir uma diferenciação que seja da ordem da produção singular e outra que apenas aparenta um processo de diferenciação, como a dos kits de identidade, citado anteriormente. A segunda está subordinada à ciranda de flexibilização, aos valores hegemônicos produzidos no mercado, enquanto que a primeira estaria ligada a produção

artesanal, única, diferenciada. Reforça-se, assim, a importância da avaliação do valor dos valores. Somos senhores e produtores de valores ou escravos e apenas replicadores dos que já está dado?

Para averiguarmos isto, sigamos com uma metáfora para contrastarmos o valor de massa/mercado versus o valor singular/criativo: o trabalhador mecanizado do séc. XX versus o artesão do séc. XIX. Produto da ordem do sublime, do singular (valor atribuído ao **produto** por sua **singularidade** e pelo artesão). O trabalhador de hoje participa apenas de parte da produção e não dela como um todo, como o artesão. Desta forma foi mais fácil controlá-lo, treiná-lo e também substituí-lo.

Não apostamos em um retorno ao passado ou em um resgate de um modelo perdido, mas sim no investimento em subjetividades criativas. Como vimos nos capítulos anteriores, com a liquefação da localidade e a passagem para um mercado que não tem um lado de fora, as chances de resistência aumentam à medida que a força de trabalho vai se tornando mais independente do controle local. O objeto do poder não é mais o corpo em um lugar fixo, como no Panóptico, e sim o trabalho imaterial. Apostamos na possibilidade de produção subjetiva criativa como uma forma de resistência, alternativa às subjetividades moldadas pelo controle.

2) Afecção e Dobras

Somos seres produzidos e produtores do social, limitados ao jogo de forças entre os corpos. Somos afetados por outras forças e também somos capazes de afetar.

Neste jogo, o momento da **afecção** é o momento da encruzilhada, onde se apresentam inúmeras possibilidades, onde uma é “escolhida”.

Afecção é um conceito que Deleuze toma emprestado de Spinoza, ao se referir ao encontro dos corpos, que pode produzir composição ou decomposição de forças. É um efeito, “indicando” a natureza do corpo afetado, “envolvendo” a natureza do corpo afetante.

“A afecção, pois, não só é o efeito instantâneo de um corpo sobre o meu mas tem também um efeito sobre a minha própria duração, prazer ou dor, alegria ou tristeza. São passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado ao outro: serão chamados afectos, para falar com propriedades, e não mais afecções. São signos de crescimento e decréscimo, signos vetoriais (do tipo alegria-tristeza), e não mais escalares, como as afecções, sensações ou percepções.” (DELEUZE, 1997, p.157)

Deleuze também se reporta a Bergson a fim de se referir ao encontro de forças nos afeta, propiciando uma dobra, um deslocamento do que, até então, estávamos sentindo. No instante em que o corpo é afetado, neste intervalo de tempo, produz-se uma diagonal, uma resultante, que é o somatório das forças em jogo naquele momento, produzidas no encontro entre o corpo que afeta e o que é afetado. Não há, a priori, como ser localizado o resultado desta afetação. Produz-se aí o que poderia ser chamado de devir-Outro.

Interessa-nos aqui relacionar o conceito de afecção ao “intervalo” que possibilita uma ruptura com o movimento reativo de replicação de valores dados a priori, onde é possível se estabelecer o pensamento, que é apresentado por Deleuze e Guattari (1995) como variação de velocidade. O mercado nos convida ao valor da liquidez, a uma intermitente atualização de si. Não busca, com isso, exterminar essa capacidade de **afecção** da vida e sim modular a mesma, restringindo-a a certos parâmetros mais administráveis, dentre eles os pressupostos adotados no modelo da

sociedade de consumo. Assim, a avaliação dos valores que reproduzimos torna-se necessária para que possamos ter domínio sobre estes e passarmos não somente a reproduzir valores, mas também a inscrevê-los. Daí a relação que os autores estabelecem entre a afecção e a criatividade, pois é um instante de produção de diferença, em que a subjetividade é produzida como o resultado deste encontro de forças.

As subjetividades que apenas reproduzem os mandos sociais, buscando apenas uma adequação ou aceitação do ideal do Outro, são subjetividades assujeitadas, reativas, pois são incapazes de questionar o que lhes é oferecido. Desta forma, mostram-se impossibilitadas de produzir diferença, ou melhor dizendo, uma quebra de padrão. A possibilidade de se diferenciar da norma é uma possibilidade de resistência, desde que este movimento não esteja atrelado a produção vazia de diferença, ou seja, dentro do mecanismo de liquidez de mercado, que demanda uma constante adaptação. Criar valor, produzir algo novo da ordem do singular, não é replicar modelos.

Que forças têm de ser postas em prática para podermos resistir? Resistir ao que? Como? Linhas de fuga têm de ser adotadas para se romper com a simples reprodução de valores.

Ao pensarmos a vida em sua potência criativa, como valor de expressão singular e, portanto, de ruptura, temos de considerar a resistência como primeira. Para Deleuze (1994), em primeiro lugar, vem a resistência, a linha de fuga, e o poder é algo que vem tentar inibir, coagir, controlar as inúmeras formas de ser⁸. O poder busca restringir as possibilidades para melhor gerir a vida e, ao controlar a vida, procura estabelecer relações pela produção de intensidades.

Em Deleuze (1995) a resistência é com o poder. É imanente. Só pode ser pensada quando uma ruptura, em relação ao valor de captura da nossa subjetividade, for possível, ou melhor, quando efetuada. É neste sentido que a resistência aparece, então, como instância crítica. Somente com a avaliação dos valores que estamos atualizando na vida, é que podemos pelo menos vislumbrar uma possibilidade de discernir se estamos replicando valores já inscritos no social ou se estamos criando, inscrevendo novos valores.

O momento da **afecção** seria então este “intervalo”, onde se abre uma janela para a possibilidade de se produzir uma dobra, um diferencial, onde se dá um deslocamento para outro ponto, gerando o que Deleuze chama de diferença. Começamos, então a estabelecer *uma relação entre a dobra e a afecção*, pois a afecção, este momento do intervalo, é a variação de velocidade que possibilita o pensamento criativo, que não é moldado pelos valores dados a priori, mas que se apóia nestes para, a partir daí, produzir uma resultante (DELEUZE & GUATTARI, 1995).

A subjetividade é concebida, assim, como variação de velocidade, sendo constituída por dobras. Por outro lado, uma não variação apontaria para uma subjetividade dócil, despolitizada em sua velocidade constante. Os significados são obtidos a partir das combinações dos significantes, mas relativos à composição de forças que estes irão produzir. Intensidades que produzem sentido na sua atualização diferencial.

“É como se as velocidades aceleradas, de pouca duração, constituíssem “um ser lento” sobre uma duração mais longa... O mais longínquo torna-se interno, por uma conversão ao mais próximo: *a vida nas dobras*. É a câmara central, que não tememos mais que esteja vazia, pois o si nela está situado. Aqui é tornar-se senhor de sua velocidade, relativamente senhor de suas moléculas e de suas singularidades, nessa zona de subjetivação: a embarcação como o interior do

⁸ Para esta discussão, ver também DELEUZE & GUATTARI (1996).

exterior.” (KOSSOVITCH, 1979, p.130)

Nosso pensamento é o resultado de dobras do externo. Não precisamos pensar em um indivíduo isolado, do gênero *cogito ergo sum*, para nos referirmos ao processo de subjetivação e, conseqüentemente, da possibilidade de questionamento. O pensamento pode ser concebido como disjuntivo, calcado na produção de diferença e não, como querem muitos, baseado em uma potência reconciliadora e unificadora de princípios. A partir de tal concepção, o que se coloca como questão é o que possibilita ao sujeito se **desdobrar** do conhecido, ir além da norma?

Pensando em termos dos conceitos deleuzeanos de virtual e atual, se a linha de fuga é primeira, ou seja, se as possibilidades de atualização são plenas, ao ser restringida pela moral, pelos processos de territorialização, temos um processo de captura e choque de forças que ameaça a potência do desejo constituinte do vir a ser. Tenta-se restringir a virtual potência de se produzir de forma criativa.

Mas este processo de demarcação, de produção de linhas duras, pode ser posto em xeque, pois a singularidade dos nossos tempos nos remetem a momentos de mudanças constantes. Através do pensamento de Deleuze & Guattari, que apostam em uma heterogênesse, processo de diferenciação e de produção de singularidade, dentro do cenário contemporâneo, a resistência pode ser pensada não como algo que se opõe de forma diametralmente oposta ao poder e sim como a adoção de diagonais.

“A diagonal impõe, porém, um terceiro caminho: *relações discursivas com os meios não-discursivos*, que não são em si mesmos internos nem externos ao grupo de enunciados, mas que constituem o limite de que falávamos há pouco...” (DELEUZE, 1995, p.21)

3) Rizoma e multiplicidade

Retomando a hipótese de nosso estudo, afirmamos que, frente aos cada vez mais rápidos e constantes *upgrades* a que somos submetidos, o consumo muitas vezes se apresenta como a repetição do mesmo, ou seja, como uma não variação de velocidade. Este seria o caso do consumo compulsivo, onde o indivíduo apresenta um pensamento linear, onde a única possibilidade de realização naquele momento é o ato da compra. A **multiplicidade** aparece aqui como um leque de possibilidades que tem o efeito de “constranger” o sujeito a não se desdobrar do que lhe é oferecido.

Deleuze e Guattari (1995) possibilitam pensar a multiplicidade de outro modo, como uma potência de diferenciação que, a cada atualização, abre novas possibilidades virtuais⁹ que, por sua vez, podem se presentificar, o que permite articular **multiplicidade** e indeterminação.

Multiplicidade é pensada por Deleuze e Guattari em articulação com outro conceito central em sua obra: o **rizoma**. Propondo uma crítica ao modelo dialético e à transcendência, Deleuze & Guattari formulam o rizoma como um conceito “horizontal”, multidimensional, em platôs, em que não há um centro ou uma direção, sendo assim indeterminado a priori, apresentando-se como um meio - agenciamento:

“É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário, da maneira mais simples, com força de sociedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1. Um tal sistema poderia ser chamado rizoma.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.15).

Quanto às características do Rizoma:

⁹ A riqueza dos conceitos de atual e virtual (DELEUZE, 1988) é que possibilitam romper com o modelo dialético, binário, pois este par não se constitui como uma oposição. Descreve mais um estado, um momento de transitoriedade, pois o atual não é o negativo do virtual. Apenas uma das possibilidades foi

“1º e 2º – Princípio de Conexão e de Heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”. (*Ibid.*, p.15)

“3º – Princípio de Multiplicidade: (...) As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborecentes. (...) Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis da combinação crescem então com a multiplicidade).” (*Ibid.*, p.16).

Agora se torna mais fácil compreender o porquê da relação do rizoma como meio e não como princípio ou fim de algo. Estabelecemos, assim, a relação entre o rizoma e **multiplicidade**, via agenciamento:

“Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas.” (*Ibid.*, p.17)

A seguir, neste texto, os autores argumentam que não há unidades de medida, somente **multiplicidades** ou variedades de medida. Isto porque a noção de unidade corresponde a uma tomada de poder por parte do significante, que passa a estabelecer relações biunívocas entre os elementos em questão, marcados como pontos. Mas no rizoma não há pontos, mas somente planos.

“Todas as multiplicidades são planas, uma vez que elas preenchem, ocupam todas as suas dimensões: falar-se-á então de um *plano de consistência* das multiplicidades, se bem que este “plano” seja de dimensões crescentes segundo o número de conexões que se estabelecem nele. As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. O plano de consistência (grade) é o fora de todas as multiplicidades.” (*Ibid.*, p.17)

4º– Princípio de ruptura a-significante: Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. (...) Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. (...) Estas linhas não param de se remeter umas às outras. É por isto que não se pode contar com o dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. (*Ibid.*, p.18)

5º– Princípio de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer idéia de eixo genético ou de estrutura profunda. (...) Do eixo genético ou de

atualizada, deixando um potencial de **multiplicidade** como potencia latente para outras atualizações

estrutura profunda, dizemos que eles são antes de tudo princípios de *decalque*, reprodutíveis ao infinito. Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução. (...) Ela consiste em decalcar algo que se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobrecodifica ou de um eixo que suporta. A árvore articula e hierarquiza os decalques, os decalques são como folhas da árvore.” (*Ibid.*, p.21)

Compreende-se, assim, a indeterminação do rizoma, produzindo um potencial de **multiplicidade**, que não pode ser capturado por um sentido a priori. O sentido é produzido na relação estabelecida entre as partes, entre as forças constituintes em um dado encontro. Se nos apoiarmos no conceito de rizoma, podemos nos aventurar em um universo de possibilidades sem que o resultado obtido seja fechado. É um conceito que vai além da causalidade, pois se baseia em um diferencial. É um sistema acentrado, onde um dado elemento ou idéia em estado virtual pode se atualizar de várias formas diferentes.

“As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades (...) seu modelo de realização, que é o rizoma (por oposição ao modelo de árvore).” (*Ibid.*, p.8)

Podemos estender esta discussão à formação subjetiva aberta, que se constitui permanentemente, no choque com as forças da exterioridade. Produz-se uma interioridade, certamente, mas que não fica isolada em si. Esta interioridade é uma dobra do exterior, e está na base da crítica que Deleuze e Guattari fazem ao modelo de subjetividade fechada em si. Ao contrário, propõem uma concepção de subjetividade aberta, em formação com o social. Agenciamento de forças, com outras subjetividades, através de interconexões.

É justamente como resistência que poderíamos pensar nesta questão das múltiplas entradas, das **multiplicidades** e dos agenciamentos maquínicos, como contraponto ao modelo de consumo. Portanto, um modelo de subjetividade diferencial,

singular, constituiria um exercício político no sentido de buscar outros agenciamentos possíveis, além dos oferecidos pelo mercado, dentro do viés consumista. Não se trata aqui de se **opor ao mercado**, mas também não se submeter ao mesmo. Para além do mercado no sentido de compor forças com este e estabelecer relações criativas, ou seja, relações de **produção com**, a partir de um encontro de forças do indivíduo com o mercado.¹⁰

4) Heterogênese

Como nos interessa particularmente os elementos do rizoma ligados à **multiplicidade**, e também a sua característica de meio, como elemento de conexão, podemos nos apoiar nestas características para posteriormente discutirmos a questão da **heterogênese**. Isto nos é facultado pela a-centralidade do mesmo.

“Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito de linhas: linhas de segmentariedade, de estratificação, como dimensões, mas também de linhas de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. (...) Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução (...) O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada.” (*Ibid.*, p.32)

Por isso, se como dizem são os decalques que devem se referir aos mapas, são contra sistemas centrados que se desenvolvem de forma bipartida. O que está em

¹⁰ Negri & Hardt (2001) vêm a resistência pelo viés da produção, ou seja, um encontro de forças. Não adotam o modelo Hegeliano de tese e antítese, dialético, ou seja, de uma oposição de forças.

questão são as relações que podem ser estabelecidas, os agenciamentos. Os devires e os platôs passam aqui a ser o foco da discussão, pois para que haja uma produção aberta, sem anteciparmos qualquer resultado, há de se conservar esta posição de meio, de formação, do virtual sendo constantemente atualizado, num fluxo incessante de produção.

“Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs. (...) uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior. (...) Chamamos platô toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma.

(...)

“O importante não é que os fluxos produzam “Uno ou múltiplo”, não estamos mais nessa: há um agenciamento coletivo de enunciação, um agenciamento maquínico de desejo, um no outro, e ligados num prodigioso fora que faz multiplicidade de toda maneira.” (*Ibid.*, pp.33-35)

É bem provável que aqui estejam discutindo a importância desta encruzilhada apresentada pelo rizoma e sua característica de conexão, de meio.

“Nem princípio, nem fim, mas devir e agenciamento. Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um general em você! Nunca idéias justas, justo uma idéia (Godard). Tenha idéias curtas. Faça mapas, nunca fotos nem desenhos. (...) Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” (...) É que no meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade (...) uma direção perpendicular, um movimento transversal que carrega uma e outra, riacho sem início e sem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio”. (*Ibid.*, pp.36-37)

Deleuze & Guattari estão destacando a importância do rizoma como elemento de conexão, de intermediação. O vínculo é o elemento que recebe destaque na teoria deles, através do conceito de agenciamento e de presentificação do sujeito no encontro com o real. Por isso é que origem e destino são questões tão secundárias, pois estariam ainda no registro arborescente, do tempo linear, ainda submetidos ao processo

de hierarquização da experiência vivida. Como estes autores se preocupam com a vida e a criatividade em primeiro plano, não assujeitando a vida aos mecanismos de poder, o modelo rizomático é mais interessante para se pensar a formação subjetiva no cenário globalizado atual, pois conserva-se a multiplicidade em toda a sua riqueza. Uma subjetividade que se forma com as forças do fora, mas não necessariamente se assujeita às mesmas. Mantém um leque heterogêneo de opções neste processo de criação de si.

Somos aqui remetidos à questão da **heterogênese** no processo de produção de subjetividade. Por um lado, há a tendência homogeneizante das forças do mercado de produzir valores que se repetem. Por outro, um potencial de resistir pelo processo de heterogênese, ou seja, criar o novo, gerar diferença. Que relação haveria estes dois pólos e a subjetividade? Acreditamos que se o humano não for capaz de se deslocar do que lhe é oferecido à priori, poderá tender a repetir o mesmo. Uma forma de ser no mundo homogeneizada, limitando seu poder criativo através de atos que não buscam produzir diferença. Apenas reprodução...

É claro que algum grau de repetição sempre será necessário. O problema ocorre quando esta repetição vem acompanhada de uma não problematização de si. Quando indivíduos passam a não mais avaliarem a sua forma de ser e os valores que empregam na relação com o outro.

Somos produzidos no social, em relação constante com outras forças que nos afetam e são afetadas por nós. Estas compõem conosco ou nos decompõem. Relações conciliáveis de forças, que irão se desdobrar em algo singular. No caso de serem inconciliáveis, a tendência é a destruição ou a morte. Mas mesmo constituindo uma polaridade, ambos os processos estão articulados na imanência. Uma das linha de força aponta para a repetição do mesmo, para os valores hegemônicos, decompondo o

que há de diferente. A outra cria diferença; quebras no campo de continuidade dos valores vigentes, resistindo de forma criativa, compondo uma nova relação.

“Quando um corpo ‘encontra’ outro corpo, uma idéia, outra idéia, tanto acontece que as duas relações se compõem par formar um todo mais potente, quanto que um decompõe o outro e destrói a coesão das suas partes (...) mas nós, como seres conscientes, recolhemos apenas os efeitos dessas composições e decomposições: sentimos alegria quando um corpo se encontra com o nosso e com ele se compõe, quando uma idéia se encontra com a nossa alma e com ela se compõe; inversamente sentimos tristeza quando um corpo ou uma idéia ameaçam a nossa própria coerência.” (DELEUZE, 2002, p.25)

Os movimentos do capitalismo em rede tentam modular esse jogo de forças, buscando se apropriar de sua força produtiva, pela tentativa de administrar as diferenças através de práticas totalitárias. Esta conduta não abre espaço para a diferença, ou se a permite, visa controlar, modular que “diferenças” podem ser produzidas. Sua política está apoiada na expansão do capitalismo, estabelecendo-se, assim, uma nova ordem global.

Considerações Finais

Neste ponto, acreditamos dispor de alguns elementos que nos permitem retomar a questão que colocamos inicialmente, a saber, qual a possibilidade de configuração de uma subjetividade capaz de resistir às forças de captura que buscam controlar a força criativa da vida.

Afirmamos, no primeiro Capítulo, que esta captura estaria relacionada à liquidez do mercado globalizado, que tenta modular os corpos e a subjetividade, investindo na produção incessante de si. Este investimento propiciaria a produção de “pseudo-diferenças”, que não podem ser confundidas com o processo de singularização do sujeito, na medida em que estão relacionadas ao já-dado, à reprodução de valores, à decalcomania¹¹. Referimo-nos a tais processos também ao mencionarmos o oferecimento, por parte do mercado, de “kits de identidade prêt-à-porter”, subjetividades flexíveis capazes de atender a diferentes demandas externas. Formulamos, assim, a idéia de que a subjetividade seria um produto privilegiado no capitalismo globalizado, que constituiria então um dispositivo de modulação da vida.

O que queremos, como resistência, ao pensarmos a constituição de uma subjetividade que busca a manifestação da sua singularidade, é justamente a possibilidade de criação e composição de novas maneiras de ser sem que estas sejam derivadas das demandas de mercado. Criação como linha de fuga do valor de mercado. Não ignoramos que o mercado, com sua volatilidade e funcionamento hiperveloz, logo em seguida busca capturar o que é novo ou diferente e transformar isto em mais um

¹¹ Este termo foi apresentado no Capítulo II, quando discutimos o conceito e as características do rizoma.

produto a ser comercializado. Mas como a vida se apóia fortemente em sua capacidade de criação e de singularização, acreditamos que esta capacidade criativa sempre estará à frente dos mecanismos de captura.

O movimento de dominação é em grande parte alimentado por grandes conglomerados midiáticos-globalizados, que se aproveitam da diluição das fronteiras, propiciada pelo mercado mundial, para articular de forma desterritorializada a apropriação das forças de produção. Isto sem falar na possibilidade de instantaneidade na circulação das informações pelo globo. O ponto mostrado por Negri e Hardt em suas considerações sobre o Império (NEGRI & HARDT, 2001), é que o mesmo terreno em que se dão as capturas do mercado, é propício, dado seu caráter descentralizado, à afirmação da singularidade, portanto à resistência e à produção de novos valores que não necessariamente estão atrelados ao capital.

Propomos que seja no terreno do mercado globalizado que possamos resistir às capturas, já que na atualidade percebemos mudanças na configuração do mundo e na disposição das forças no mesmo. O que podemos afirmar, vivendo os efeitos da globalização e suas reconfigurações incessantes, é que a força de um corpo está em seu potencial virtual de atualização. Assim, a forma de lidarmos com isto de modo afirmativo é nos produzir neste fluxo de atualizações. Temos que aprender novas formas de nos constituir para lidar com o que nos é solicitado, sem que isto se reduza necessariamente à submissão. Cabe buscar uma produção de si criativa, na qual eu me constituo com as forças que me afetam e produzo sobre as mesmas, afetando-as de volta.

Trata-se aqui de uma ética da produção, através de uma constituição de si mesmo. Uma subjetividade não dobrada pelos valores de mercado, que se desdobra,

criando e que se produzindo, para além dos valores de captura. Logo, este potencial de vir a ser vai se constituir em agenciamento com outras forças. Seu principal trunfo não está no que atualiza em termos concretos, ou seja, no presente; mas sim na sua força imaterial.

Quando Negri & Hardt (*Ibidem*) discutem o incomensurável, apresentam este conceito para discutir a formação subjetiva no Império, que estaria fora de qualquer medida pré-constituída. De certa forma, as relações e os modos de ser se estabelecem, sendo que os segmentos de poder são sempre constituídos ciclicamente, variando infinitamente. Por isso mesmo é preciso apostar na capacidade que reside no potencial virtual de criação, na possibilidade heterogênea de criação de si e de agenciamento. Estes são elementos centrais da nossa forma de entender os mecanismos de resistência na atualidade.

Podemos, então, compreender de modo mais claro a relação entre as forças de captura e resistência. As forças de captura tentam abarcar as forças da resistência, alimentando-se de sua potência criativa, e acabam sendo empurradas adiante, forçadas a um novo ajuste. Por isso, podemos afirmar com Deleuze e também com Negri e Hardt (*op. cit.*), que a resistência é anterior ao poder. E não se trata de uma oposição, de uma dialética, mas de uma relação imanente. Novos obstáculos são erigidos para conter os esforços de resistência, dando-se, assim, uma “contra-dança” (DELEUZE, 1994).

A discussão da heterogênese como processo de criação de si, é bastante enriquecedora para a nossa explanação. A composição de si mesmo, com as forças exteriores, faz parte do movimento vital. Se a subjetividade é afetada por forças além de si mesma, também possui capacidade de afetar. Logo, faz parte do cenário da sociedade contemporânea, a possibilidade de nos criarmos de formas diferenciadas, incluindo aí

possibilidades híbridas. Por isso, é importante afirmar que se há varias formas de captura da vida e de sua modulação, hoje passamos a ter também uma gama múltipla de possibilidades que propiciam a criação de si.

Podemos, neste ponto, retomar um argumento de Paul Virilio (1993; 1996) e perguntar em que medida a aceleração imposta pelo mercado não estaria forçando este potencial criativo a se atualizar também de forma hiperveloz, a ponto de este acabar por se confundir com as atualizações intermitentes e os upgrades que apenas favoreceriam as forças de captura. Um fluxo ininterrupto que, a despeito de sua velocidade, não teria variação. Como para Deleuze a subjetividade se dá pela variação de velocidade (DELEUZE & GUATTARI, 1992), esta não variação é vista na vida capturada, subjugada ao consumo e ao valor de mercado¹². Uma passagem ao ato, sem haver uma avaliação.

Retomando Bergson, na possibilidade de se subjetivar há três elementos que devem ser levados em consideração: o **percepto**, a **afecção** e o **ato**. Utilizaremos este modelo como síntese do que discutimos até agora pois o fato de passarmos do percepto ao ato ou direto ao ato, sem produzir uma dobra no momento “intermediário” da afecção, seria indício de uma não avaliação. Ou seja, não há um deslocamento da repetição do mesmo, do homogêneo... das capturas dos valores de consumo e de mercado:

"Como já ensinara Henri Bergson, somente o vivo, o vivente, possui capacidade de afecção - produzindo um 'intervalo' entre a informação percebida-recebida e a informação agida-devolvida -, donde, e somente donde, poderá surgir o pensamento...

Em sua tarefa de dominar, o poder não consegue (nem mais pretende) eliminar

¹² O célebre filme de Chaplin, Tempos Modernos, que por mais que se refira ao ultrapassado modelo disciplinar das linhas de montagem, mostra uma repetição do mesmo que é alienante em sua compulsividade. É bem diferente uma repetição diferencial, desterritorializante, produtora de singularidade.

totalmente a capacidade ou potência de afecção do homem; mas o consegue em parte (restringindo-a), e sob determinadas condições. A isto que chamo de "o pensamento atacado", em um primeiro sentido deste conceito: a prática de pensar é "atacada" pelo poder, através de clichês, do bom-senso, do consenso, da anestesia, da analgesia, da apatia, etc." (ATEM, 2001, p.82)

Qualquer objeto do desejo humano está inserido na cultura. Desta forma, nossas escolhas são impregnadas de valores. No entanto, se seguirmos um viés que não nos permita pelo menos um instante de questionamento, partindo para o ato imediatamente, provavelmente estaremos sendo reativos, repetindo padrões dados, sem qualquer possibilidade produção de diferença.

A repetição do mesmo está presa a pré-conceitos, enquanto que a repetição diferencial, muito pelo contrário, é produtora de singularidade. Fluxo, devir... múltiplas possibilidades de atualização. É, segundo Deleuze, o Uno (todo) que é múltiplo. Atualização do potencial virtual.

Poderíamos ter na dobra uma forma de resistência que não se opõe ao fluxo de mensagens e ao agenciamento. Não se trata de uma proposta de diminuição das velocidades e sim de variação de velocidade que é o que Deleuze nos aponta como a possibilidade de subjetivação: ritornelos¹³ e a possibilidade de repetição diferencial.

Por isso nosso estudo aponta para a construção de uma ética da diferença, onde somos levados, a todo momento, à responsabilidade de agenciarmos composições de forças que apontem para a criação, para a produção de uma subjetividade ativa, desconstrutiva, afirmativa, em direção a uma práxis. Desta forma, atribuímos ao pensamento uma função ético-política, onde são sondadas as forças envolvidas em um dado encontro de forças. Por isto adotamos um modelo rizomático para pensarmos os

¹³ O conceito de *ritornelo* (DELEUZE & GUATTARI, 1997) remete à idéia de retorno. É a volta a um dado trecho da música e, como tal, constitui uma repetição. Os autores fazem uso deste conceito acentuando o caráter diferencial da repetição, pois o trecho musical nunca se repete como o mesmo.

processos de subjetivação na atualidade. Esta subjetividade, em constante formação, não se submeteria às forças de mercado, mas seria produzida no encontro com estas.

Que os mecanismos de poder vão tentar controlar as forças criativas, mas a resistência é primeira, achando sempre uma brecha para escapar. É como tentar conter a água que escorre entre os dedos... não é possível conter todo o volume. Algo escapa. Quando Peter Pál Pelbart cita o conto de Kafka da muralha da China (PELBART, 2003), onde os nômades bárbaros já se encontravam dentro da capital, em praça pública, estava se referindo a esta positividade da permeabilidade do cenário atual, com sua dupla face:

“(...) significa reconhecer que nele o poder sobre a vida atinge uma dimensão nunca vista, mas por isso mesmo nele a potência da vida se revela de maneira inédita. Muito cedo o próprio Foucault intuiu a natureza desse paradoxo: aquilo mesmo que o poder investia – a vida – era precisamente o que doravante ancoraria a resistência a ele, numa reviravolta inevitável. Ao poder *sobre* a vida deveria responder o poder *da* vida, a potência ‘política’ da vida na medida em que ela faz variar suas formas e reinventa suas coordenadas de enunciação.” (*Ibid.*, p.83)

A capacidade da vida de resistir é, então, sempre convocada a atualizar seu potencial criativo de produção de diferença. Fluxo, devir, formação ativa de si...

“A passagem do virtual através do possível para o real é o ato fundamental da criação. Trabalho ativo é o que constrói a passagem do virtual para o real; é o veículo da possibilidade.” (NEGRI & HARDT, *op. cit.*, p. 379)

Referências Bibliográficas

- ATEM, G. (2001) **O Pensamento Atacado**. Rio de Janeiro: E-Papers.
- BAUDRILLARD, J. (1999) **O Paroxista Indiferente**. Rio de Janeiro: Pazulin.
- _____ (1999) **Globalização, as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (2001) **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (2003) **Comunidade, a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BERMAN, M. (1987) **Tudo Que é Sólido se Desmancha no Ar – A aventura da modernidade**. São Paulo: Schwarcz.
- CANCLINI, N. (1997) **Consumidores e Cidadãos – Conflitos Multiculturais da Globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- COSTA, J. (2004) **O Vestígio e a Aura – corpo e consumo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond.
- DE MASI, D. (2000) **O Futuro do Trabalho – fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio.
- DELEUZE, G. (1988) **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal.
- _____ (2000) **A Dobra – Leibniz e o Barroco**. Campinas: Papyrus, 2ª Edição.
- _____ (1992) **Post-scriptum – sobre as sociedades de controle**. In: Conversações, Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____ (1994) Desejo e Prazer. In: Magasin Littéraire, 325: 57-65. Disponível no endereço eletrônico www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art07.html.
- _____ (1995) **Foucault**. São Paulo: Ed. Brasiliense.

- _____ (1997) **Crítica e Clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____ (2002) **Espinosa – Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta.
- _____ & GUATTARI, F. (1992) **O que é a Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____ (1995) **Introdução – Rizoma**. In: **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 1**. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____ (1996) **Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 3**. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____ (1997) **Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 4**. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____ (2002) **Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 5**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1ª reimpressão.
- DOMENÈCH, M.; TIRADO, F.; GÓMEZ, L. (2001) **A Dobra – psicologia e subjetivação**. In: SILVA, T. T. (org). **Nunca Fomos Humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica.
- FOUCAULT, M. (1975) **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes.
- _____ (1976) **História da Sexualidade I – A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal.
- GUATTARI, F. (1988) **O Inconsciente Maquínico – Ensaio de Esquizo-Análise**. Campinas: Papirus.
- _____ (1992) **Caosmose**. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____ & ROLNIK, S. (1986) **Micropolítica – Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes.
- KOSSOVITCH, L. (1979) **Signos e Poderes em Nietzsche**. São Paulo: Ática.

- LIPOVETSKY, G. & CHARLES, S. (2004) **Os Tempos Hipermodernos**
- NEGRI, A. & HARDT, M. (2001) **Império**. Rio de Janeiro: Vozes.
- PELBART, P. (2003) **Vida Capital – Ensaios de biopolítica**. São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda.
- ROLNIK, S. (2002) **Toxicômanos de Identidade – subjetividade em tempo de globalização**. In: Lins, D. (Org) **Cultura e Subjetividade – Saberes Nômades**. Campinas: Papirus, 3ª Edição.
- ROLNIK, S. (2002b) **Uma Insólita Viagem à Subjetividade**. In: Lins, D. (Org) **Cultura e Subjetividade – Saberes Nômades**. Campinas: Papirus, 3ª Edição.
- SANT'ANNA, D. (2002) **Transformações do Corpo – controle de si e uso dos prazeres**. In: RAGO, M. & ORLANDI, L. & VEIGA-NETO, A. (orgs) **Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A.
- SIBILIA, P. (2002) **O Homem Pós-orgânico – corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- SMITH, H. (2005) **Junk mail é como flechas na batalha**, Disponível em:
<http://oglobo.globo.com/jornal/suplementos/informaticaetc/167684555.asp>.
Acesso em: 23 Abr. 2005, 18:30.
- VIRILIO, P. (1993) **O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real**. Rio de Janeiro: Editora 34.
- VIRILIO, P. (1996) **A Arte do Motor**. São Paulo: Estação Liberdade.

Bibliografia Complementar

- AGAMBEN, G. (2002) **Homo Sacer – O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BADIOU, A. (1997) **Deleuze – O Clamor do Ser**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BARBALHO, A. (2003) **O Jogo das Diferenças – reflexos midiáticos e afluxos biopolíticos**. RBSE, v.2, n.5, João Pessoa: GREM.
- BAUMAN, Z. (1999) **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar.
- DREYFUS, H. & RABINOW, P. (1995) **Michel Foucault – uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. (1979) **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal.
- FRIDMAN, L. C. (2000) **Vertigens Pós Modernas – Configurações Institucionais Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- HARDT, M. (1996) **Gilles Deleuze – Um Aprendizado em Filosofia**. São Paulo: Editora 34.
- HARDT, M. (2000) **A Sociedade Mundial de controle**. In: ALLIEZ, E. (org) **Gilles Deleuze – Uma Vida Filosófica**. São Paulo: Editora 34.
- LEVY, P. (1993) **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 3ª edição.
- NEGRI, A. (2003) **5 Lições Sobre Império**. Rio de Janeiro: DP&A.
- OLIVEIRA, L. A. (2003) **Biontes, Bióides e Borgues**. In: **Homem Máquina – A Ciência Manipula o Corpo**. São Paulo: Companhia das Letras.
- PAIVA, A. (2000) **Sujeito e Laço Social – A Produção de Subjetividade na Arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.